

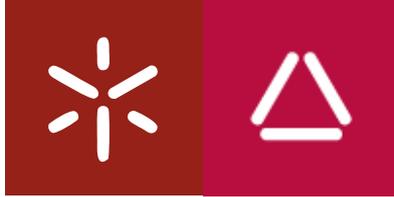


**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Susana Daniela Carvalho Costa

**O Efeito da Televisão na Comunicação  
Interpessoal Familiar**





**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Susana Daniela Carvalho Costa

**O Efeito da Televisão na Comunicação  
Interpessoal Familiar**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Sociologia - Políticas Sociais e Desenvolvimento

Trabalho efetuado sob a orientação do  
**Professor Doutor Albertino Gonçalves**

## DECLARAÇÃO

Nome: Susana Daniela Carvalho Costa

Endereço electrónico: [susanadccosta@gmail.com](mailto:susanadccosta@gmail.com) Telefone: 917018560

Número do Bilhete de Identidade: 13599171

Título da dissertação de mestrado: O Efeito da Televisão na Comunicação Interpessoal Familiar

Orientador: Prof. Albertino Gonçalves

Ano de conclusão: Outubro 2014

Designação do Mestrado: Sociologia- Políticas Sociais e Desenvolvimento

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTE RELATÓRIO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primordialmente ao meu avô, a maior perda da minha vida em coincidência com o início deste estudo. A energia, o aconchego e a minha luz. E a todos os que me iluminam.

Ao Professor Albertino Gonçalves, tendo sido um privilégio maior trabalhar com ele. Incansável orientador deste estudo, mas mais do que isso, um verdadeiro exemplo vivo de sabedoria.

Aos meus pais que sempre me motivaram e nos momentos mais difíceis me deram alento para continuar.

Ao meu núcleo familiar, especialmente à Beatriz, sem a assertividade dela não me tornava tão capaz. À Nathalie pela lealdade e união. E à Sofia por acreditar ainda mais do que eu.

Às inigualáveis companheiras Catarina e Lélia o suporte da minha carga emotiva.

Ao Ricardo, pela infinita paciência. O ponto de equilíbrio e o meu maior crítico.

Ao Manuel, que mesmo não sabendo esteve sempre presente no meu pensamento como motivação e garra de não desistir. Por ele é parte deste estudo.

A todos os entrevistados que se mostraram disponíveis sem eles este estudo não seria possível. O meu bem-haja.

Um sincero e profundo obrigado a todos!

## RESUMO

A televisão tem-se assumido, nas últimas décadas, como um agente de socialização preponderante. A esfera televisiva é dotada de complexidade e desdobra-se em inúmeras variáveis possíveis de ser estudadas.

Na ótica de Marshal McLuhan, apontado por muitos como o “ guru da comunicação”, os meios de comunicação criam um novo ambiente social e isso muda profundamente a maneira como percebemos e estamos no mundo.

O problema em análise, no contexto que norteia o presente estudo de investigação, prende-se com “ *O efeito da televisão na comunicação interpessoal familiar*”, aspirando a compreender de que forma a televisão pode influenciar, positivamente ou não, o processo comunicativo no contexto familiar.

Integra os nossos objetivos perceber se a televisão é capaz de motivar a comunicação ou se, pelo contrário, se torna num impulso ao silêncio, reduzindo a interação familiar, fomentando a individualização no seio do grupo doméstico, bem como entender se a televisão pode provocar desbloqueios no diálogo e se promove o debate de determinadas ideias veiculadas pelos programas televisivos ou se, por sua vez, gera constrangimentos e divergências comunicacionais e de opinião, conduzindo ao conflito e à desunião familiar.

Este estudo recorre a metodologias compreensivas, fazendo uso da entrevista semiestruturada como técnica principal na obtenção de resultados congruentes e exemplificativos da problemática em questão, a par da observação direta e pesquisa documental.

As nove entrevistas realizadas decorreram no domicílio das pessoas ou noutra local, consoante a escolha das mesmas. Foi nossa preocupação assegurar a presença de vários tipos de famílias em vários tipos de contextos (habilitações escolares, profissão e condição social).

A análise de dados corrobora o que foi sugerido pela revisão da literatura. Se, por um lado, a televisão consegue ser uma aliada da comunicação familiar, por outro, também ela concorre para afastar o agregado familiar. De realçar que as dinâmicas

familiares estão intimamente associadas ao lugar que a televisão assume em cada grupo doméstico.

**Palavras-chave:** Comunicação Interpessoal, Televisão e Família.

## **ABSTRACT**

Television has been assumed in recent decades as a leading agent of socialization. Television sphere is endowed with complexity and unfolds in numerous variables that could be studied. In the view of Marshal McLuhan, pointed by many as the "guru of communication," the media creates a new social environment and it profoundly changes the way we perceive and the way we are in the world.

The problem under consideration, in the context that guides the present research study, relates with "The effect of television on family interpersonal communication", aiming to understand how television can affect the communication process, positively or not, in the family's context.

One of our goals is to realize if the television is able to motivate the communication or, instead, it becomes an impulse to silence, reducing family interaction, promoting individualization within the domestic group, as well as understand if the television can jailbreaks the dialogue and promote the debate of ideas transmitted by certain shows or, if on the other hand, it generates constraints, opinion and communication divergences, leading to conflict and family disunity.

This study uses comprehensive methodologies, making use of semi-structured interview as the main technique to obtain consistent and exemplary results of the issue in question, along with direct observation and documentary research.

The nine interviews were held in the home of individuals or elsewhere, depending on their choice. Our concern was to ensure the presence of various types of families in various contexts (educational level, job and social status).

The data analysis confirms what was suggested by the literature reviewed. If, on the one hand, television can be an ally of family communication, on the other, it also contributes to the separation of the family. An important fact is that the family dynamics are closely related with the importance television assumes in each household group.

**Keywords:** Interpersonal Communication, Television and Family.

## ÍNDICE

Agradecimentos .....	i
Resumo .....	ii
Abstract.....	iv
Índice .....	v
Índice de Tabelas .....	vii
Introdução.....	8
Parte I – Problematização e Fundamentação Teórica.....	9
1.1 – O posicionamento da televisão como agente de socialização .....	9
1.2 – Sociologia da Comunicação - Breve alusão ao conceito.....	12
1.3 – O Entendimento de Comunicação Interpessoal.....	13
1.4 – A Ascensão e o Impacto da Televisão nas Sociedades Contemporâneas.....	14
1.5 – O Efeito da Televisão na Comunicação Interpessoal Familiar.....	18
Parte II – Apresentação do Estudo e Metodologia .....	30
2.1 – O Problema e os Objetivos .....	30
2.2 – Opção Metodológica.....	31
2.2.1 – Instrumento de Recolha de Dados: A Entrevista.....	31
2.3 – Constituição e Caracterização do Grupo de Inquiridos .....	32
2.3.1 – Constituição do Grupo de Famílias – Amostra .....	32
2.3.2 – Caracterização da amostra .....	33
2.4 – A Realização das Entrevistas.....	34
2.5 – Análise dos Dados .....	35
2.5.1 – Análise de Conteúdo das Entrevistas .....	35
2.5.2 – Usos da televisão na família .....	36
2.5.3 – Televisão e Interação Familiar .....	41
2.5.4 – O Custo da Televisão.....	57
2.6 – Considerações finais da análise dos dados .....	59

Conclusão .....	62
Referências Bibliográficas.....	63

## **ÍNDICE DE TABELAS**

Tabela 1 – Nível de instrução dos casais entrevistados.....	33
Tabela 2 – Profissão dos casais entrevistados .....	34
Tabela 3 – Classificação das famílias por nível socioeconómico .....	34
Tabela 4 – N° de televisões por cada família entrevistada .....	36
Tabela 5 – Distribuição do aparelho televisivo pelas diferentes divisões da casa .....	37
Tabela 6 – Tempos estimados de consumo por família .....	38
Tabela 7 – Programas televisivos que mais juntam os pais e os filhos à televisão .....	44
Tabela 8 – Programas televisivos que menos juntam os pais e os filhos à televisão .....	45

## **INTRODUÇÃO**

Desde o início da Humanidade que a comunicação desempenha um papel básico na existência humana. Os diferentes meios que o Homem tem vindo a desenvolver ao longo dos séculos, mostram a necessidade e a importância da comunicação.

Com esse desenvolvimento surgiu a televisão que nos seus primórdios não estava ao alcance de todos. Apenas alguns tinham o privilégio de estar perante o entusiasmante ecrã a preto e branco. Contrariamente ao que se vê nas sociedades contemporâneas, em que a televisão se torna num aparelho por excelência a ter presente em casa, nos cafés, nos espaços de convívio, nas salas de espera dos serviços públicos, na escola, entre indeterminados e dissemelhantes espaços.

O certo é que a televisão nos surge em qualquer lado e torna-se difícil imaginar um mundo sem televisão.

O estudo aqui apresentado é dividido em duas partes. A primeira, de foro teórico desenvolve uma revisão da literatura sobre “O Efeito da Televisão na Comunicação Interpessoal Familiar”, de forma a compreender em que medida a televisão interfere nas relações de comunicação interpessoais familiares, entre os membros do agregado familiar, uma vez que “a natureza representacional e narrativa do meio televisivo, bem como o carácter socialmente construído do seu «produto» fazem com que o fluxo de mensagens televisivas seja tecido de situações, comportamentos, atitudes, valores e mundividências (Manuel Pinto, 2000).

Na segunda parte, apresenta-se um estudo empírico, realizado junto de nove famílias do concelho de Vila Nova de Famalicão, do distrito de Braga. Estudo esse cúmplice da metodologia qualitativa, construído através de entrevistas às famílias em estudo com o objetivo de perceber se a televisão é capaz de motivar a comunicação ou se, pelo contrário, se torna num impulso ao silêncio, reduzindo a interação familiar, fomentando deste modo a individualização no seio do grupo doméstico. Procurou-se também entender se a televisão pode provocar desbloqueios no diálogo, promovendo o debate de determinados temas, ideias e conceitos transmitidos pela mesma ou se, por outro lado é hábil em gerar constrangimentos e divergências comunicacionais e de opinião, conduzindo ao conflito e à desunião familiar.

## **PARTE I – PROBLEMATIZAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1 – O posicionamento da televisão como agente de socialização**

Tomando em consideração o processo de socialização e a aprendizagem através de modelos de comportamentos, sabemos que a televisão nas últimas décadas tem vindo a ser um agente de socialização preponderante e em constante florescimento.

Progressivamente, os *media* impuseram-se nos nossos hábitos quotidianos ao ponto de serem identificados, por algumas pessoas, com a quase totalidade dos fenómenos de comunicação (Breton & Proulx, 1997).

A propósito do processo de socialização, este não é um processo que se inicia e termina num certo período. À medida que a criança se torna adulta, vai ingressando em inúmeros grupos onde é solicitada a representar diferentes papéis, em conformidade com o seu estatuto de membro de grupo.

A importância do grupo familiar no processo de socialização é indiscutível (Santos, 1969). É no vínculo familiar que se dá início à composição do comportamento social dos indivíduos, sendo um veículo de modelos sociais, um instrumento de socialização pelo qual os indivíduos se inserem no meio que os rodeia.

Segundo Aristóteles, é a família que medeia as relações entre o individuo e a sociedade (Leandro, 2001). Sendo ela de fundamental importância, enquanto contexto de mediação, comunicação e transmissão (Pinto, 2000).

Importa também considerar que a família não é um sistema isolado mas sim um sistema em interação com outros sistemas circundantes – família alargada, escola, trabalho, amigos, vizinhos, clubes, etc. - numa relação circular que afeta a sua organização e funcionamento.

Ao sairmos do grupo familiar somos forçados a inserirmo-nos em vários outros, continuando a nossa aprendizagem. Desses novos grupos a escola surge como o grande agente de socialização.

A escola desempenha um papel fundamental na promoção do conhecimento social, no grande desenvolvimento das capacidades cognitivas e vai incidir, claramente, na compreensão que as crianças têm do mundo social e das suas particularidades (Borsa, 2007). Constituindo uma instância de socialização formal e informal, desempenhando um papel de grande importância na vida de praticamente todas as crianças e adolescentes. (Pinto, 2000).

Na atualidade, assistimos ao posicionamento de outro importante e avassalador agente de socialização: os meios de comunicação de massas, que constituem poderosos instrumentos de aprendizagem, uma vez que incutem normas, crenças, valores, modelos de conduta etc., isto é, modelam-nos os comportamentos.

Em Portugal, o artigo 8.º da Lei n.º 31, de 14 de Julho de 1998, apresenta três funções principais da televisão: entreter, informar e formar.

De nome Marshall McLuhan, apontado por muitos como o “guru da comunicação”, defende que os meios de comunicação vieram criar um novo ambiente social o que muda profundamente a maneira como percebemos e estamos no mundo.

Na aceção do autor, os *mass media*, e antes o alfabeto e a imprensa são compreendidos como tecnologias de comunicação que têm vindo a transformar o mundo humano. É na sua obra intitulada – *Understanding Media. The Extensions of Man* que o autor apresenta o núcleo central da sua teoria dos *media*, sintetizada por um dos seus principais aforismos - “o meio é a mensagem”. Na envolvência deste aforismo o autor desenvolve a premissa que o impacto de qualquer meio ou tecnologia define-se pela modificação e aceleração de formas percecionais e sensoriais existentes e emergentes (Subtil, 2006).

Mais, o autor de acordo com a mesma expressão evidencia que o conteúdo, ou seja, a mensagem de qualquer tecnologia, consiste na mudança que esse meio ou tecnologia introduz na vida humana. Sendo assim, é o meio que formaliza o modo e determina a escala de atividade e as relações entre os homens (Subtil, 2006).

Para McLuhan, as transformações que decorrem nas tecnologias da comunicação ou nos *media* são indutoras da mudança social, não apenas porque produzem um importantíssimo impacto cultural nas práticas sociais, como também, conduzem à consciência humana (Subtil, 2006).

No final da década de 70 foi elaborado um célebre documento, por uma comissão da UNESCO presidida por Sean McBride atribuindo à comunicação, entendida como um instrumento de progresso e desenvolvimento, diferentes funções entre as quais: socialização, como meio na construção de um fundo comum de conhecimento e de ideias que permitam a qualquer indivíduo a integração na sociedade em que vive e favorecendo a coesão social e a tomada de consciência indispensável à ativa participação na vida pública (Correia, 2000).

Pinto (2000) referindo-se ao trabalho de Negri, Signorelli e Berti (1990) refere que na televisão existem quatro tipos de universo televisivo diferentes, aos quais correspondem planos de retórica televisiva específica, nomeadamente: lugares de encontro, socialização e de interação (Vidigueira, 2006).

O discurso televisivo não é, portanto, nem totalmente coercitivo, como os agentes socializadores são percebidos por Durkheim, e, muito menos, reflexivo, como analisado por Habermas. É um processo circular no qual a televisão tem interesse em vender e, ao fazê-lo, reafirma valores indispensáveis para o processo de socialização. Logo, não é unilateral, uma vez que são os anseios do público os norteadores do que será transmitido (Kohlsdorf, 2002).

Ferrés (1998) aponta a televisão como o maior instrumento de socialização já visto, precisamente devido ao seu imenso poder de fascinação e de penetração, o qual se dá não pela razão, como se imagina, mas pela emoção, isto é, pela produção de efeitos inconscientes e inadvertidos. O efeito motivador das imagens, responsável pela geração de emoções que influem nas decisões e nos comportamentos é, em última instância, socializador, uma vez que participam do processo de transformação de indivíduos puramente biológicos em seres humanos (Kohlsdorf, 2002).

A análise marxista desconstruiu o discurso sobre a televisão que sustentava que os meios de comunicação teriam funções educativas e de lazer, interpretando estas instâncias socializadoras como instrumentos de reprodução do sistema capitalista. Já os investigadores da Escola de Frankfurt preocupavam-se evidentemente com a manipulação das consciências dominadas por valores das classes dominantes. E é nesta linha de pensamento que se baseiam as suas análises sobre os *mass media*, os quais seriam instrumentos de manipulação das consciências por parte dos dominantes, visando manter o *status quo* por meio da inculcação de valores (Kohlsdorf, 2002).

Bourdieu (1997), ao analisar o habitus dos jornalistas e a produção de informação, coloca a televisão como vital para o sucesso nas lutas políticas, uma vez que ela é capaz de impor princípios de divisão do mundo. Afirma que a esfera da informação televisiva, é conhecida como campo indiscutivelmente manipulador das consciências (Kohlsdorf, 2002).

Manuel Pinto (2000) defende que, “a natureza representacional e narrativa do meio televisivo, bem como o carácter socialmente construído do seu «produto» fazem com que o fluxo de mensagens televisivas seja tecido de situações, comportamentos, atitudes, valores e mundividências”.

## **1.2 – Sociologia da Comunicação - Breve alusão ao conceito**

Desde o início da existência humana que a comunicação protagoniza um papel imprescindível, uma vez que sem comunicação não há socialização. Na visão de Aníbal Alves (1999):

*“o processo de comunicação através do qual os seres humanos compreendem e se fazem compreender, é princípio e fundamento de toda a vida pessoal e social (...) não podemos deixar de comunicar, e, nos nossos modos de comunicar, manifesta-se e constrói-se o nosso modo de ser”, neste sentido, a comunicação é entendida como “um processo social permanente que integra múltiplos modos de comportamento” (Winkin, 1998 as cited in Borelli, 2005)*

É nesta perspetiva psicossocial que se complexifica a análise dos efeitos da comunicação em sociedade. A comunicação está intimamente ligada na vida em sociedade, sendo que através dela os indivíduos se constituem e se reproduzem na história humana como um fenómeno interdependente do sistema social.

Dentro do campo da comunicação, destaca-se a contribuição da Escola de Palo Alto, surgida em 1950, constituída por um conjunto de investigadores que desenvolve uma nova perspetiva sobre o conceito de comunicação, fora do paradigma linear e matemático da época em que surgiu, tendo em vista refletir sobre a teoria da comunicação numa perspetiva interpessoal das ciências humanas.

Muitas das observações realizadas pelos teóricos de Palo Alto remetem ao funcionamento das interações na vida quotidiana, seja em situações micro ou macro estruturais. Através da teoria da nova comunicação da Escola de Palo Alto, percebeu-se

que a comunicação reside nas relações do dia-a-dia entre os indivíduos e em toda a atividade da sociedade, sendo impossível não comunicar. Essa nova comunicação é encarada não como ato individual, resultante de uma ação puramente cognitiva, mas como uma instituição cultural, que se realiza num determinado contexto social. O indivíduo seria, então, não algo em si, mas um sistema de relações. A comunicação não seria, assim, fundada na singularidade do eu, mas em algo que está nas relações entre nós - eu e os outros (Borelli, 2005).

### **1.3 – O Entendimento de Comunicação Interpessoal**

A comunicação interpessoal é o processo de criação de relações sociais entre, pelo menos, duas pessoas que participam num processo de interação. De acordo com o estudo aqui presente, abordaremos o conceito de comunicação interpessoal no contexto da esfera familiar, sendo imprescindível clarificar o seu conceito.

A comunicação interpessoal pode ser definida como o processo pelo qual a informação é trocada e entendida por duas ou mais pessoas, normalmente com o intuito de motivar ou influenciar o comportamento. O processo de comunicação acontece quando duas pessoas interagem reciprocamente, colocando-se uma no lugar da outra. A interação envolve, uma incorporação de papéis recíproca e uma empatia mútua de habilidades.

Os objetivos da interação são: um interligar-se com o outro, a completa habilidade de antecipar, prever e comportar-se de acordo com as necessidades recíprocas de um e de outro. A comunicação interpessoal é um elemento crucial para a intervenção social, pois tal capacidade permite aos seres humanos orientar os seus comportamentos. Isto implica a produção de uma coordenação do comportamento entre os comunicadores, para cumprir metas estabelecidas em comum. É a essência da organização humana.

Na leitura de Estanqueiro (2005), temas fundamentais da comunicação interpessoal como o diálogo, a escuta ativa, a valorização do feedback ou retroação, a arte de saber falar com empatia assente nas motivações humanas são exigíveis ao trabalhador social, que, pela sua formação deve possuir elevada competência na arte de lidar com as pessoas, estabelecendo relações interpessoais harmoniosas. Este autor considera que só o diálogo garante o sucesso na comunicação interpessoal.

O diálogo exige abertura de espírito para ver outras perspetivas da realidade. Saber escutar, mais do que saber falar, é o grande segredo da comunicação interpessoal.

## **1.4 – A Ascensão e o Impacto da Televisão nas Sociedades Contemporâneas**

Em Portugal, a primeira emissão regular de televisão foi dada em 1957. Com a inauguração do segundo canal três anos depois. Décadas mais tarde, com o aparecimento de canais privados como a SIC em 1992, por conseguinte a TVI no ano de 1993.

Desde então a ascensão da televisão deu-se de uma forma progressiva, foram surgindo até aos dias de hoje inúmeros canais de televisão, pela distribuição por cabo. A diversidade é dada com os canais generalistas, informativos, entretenimento, desportivos, infantil, filmes, séries, *lifestyle*, documentários e música.

É importante convocar uma série de conceitos fundamentais do pensamento de McLuhan na leitura sobre as características da televisão. Trata-se do debate sobre meio frio e meio quente, um tema que para muitos atuais críticos do autor não seria necessário mais enfrentar.

Segundo aspetos da sua natureza, os meios quentes são caracterizados pela sua alta definição: “ (...) *Alta definição refere-se a um estado de alta saturação de dados*” (McLuhan, 1964, p. 38 *as cited in* Sousa & Russi, 2012). Essa alta definição faz com que os meios quentes, como a rádio, o cinema e o impresso, não dêem margem para participação e envolvimento da audiência. Já o que caracteriza os meios frios é exatamente a pobreza das informações, que obriga o recetor a participar e se envolver na perspetiva de completar, “fechar” o significado das informações que recebe.

Nesta perspetiva, a televisão, enquanto meio frio, promove a participação. “*A TV não funciona como pano de fundo. Ela envolve. É preciso estar com ela*” (McLuhan, 1964, p. 350 *cit.in.* Sousa & Russi, 2012). Quanto mais alta a definição de um meio, menor a possibilidade de participação. Em contrapartida, se o meio é de baixa definição, o envolvimento do recetor é maior. Na TV, segundo McLuhan (1964), a programação deve ser envolvente, do género “*faça você mesmo*”. McLuhan acredita

que o consumidor da televisão é ativo, enquanto o dos meios quentes é passivo (Sousa & Russi, 2012).

Partindo para dados numéricos, já no ano de 1996, cerca de 98.5%<sup>1</sup> dos lares portugueses tinham um recetor de televisão, e cerca de 60%<sup>2</sup> já detinham um segundo aparelho. Em relação ao tempo de consumo, estima-se que o tempo médio diário despendido com a televisão fosse aproximadamente de 239<sup>3</sup> minutos. Segundo a *Revista Notícias TV*, na atualidade quase 80%<sup>4</sup> dos portugueses são clientes de uma distribuidora de TV por cabo.

Manuel Pinto (2000) constata que na realidade das sociedades ocidentais, a taxa de penetração de recetores de TV atingiu praticamente o ponto de saturação, o que significa que é perfeitamente residual a percentagem de pessoas que, de algum modo, não têm um contacto mais ou menos regular com este meio. Os *mass media* acabaram por se instalar no interior da família, protagonizando uma influência grandiloquente (Leandro, 2001).

A televisão surge-nos quase em qualquer lado e já não se consegue imaginar um mundo sem televisão. A verdade é que é natural que quanto mais se vê televisão mais vontade há para ver, mas pior do que o excesso de televisão é não saber seleccionar o que se deve ver ou como se deve ver (Chaves, 2001). Como refere Ignacio Ramonet (Ferrés, 1994 *as cited in* Kohlsdorf, 2002) numa metáfora curiosa e bastante peculiar “*a televisão é como que uma guloseima visual*”.

A atividade televisiva não tem como ser entendida de forma linear, uma vez que quando alvo de objeto de estudo podem surgir inúmeras variáveis a serem observadas, motivadas pela polissemia que caracteriza o estudo da televisão. Sendo ela proporcionadora de “*estímulos mentais através dos movimentos, cores, situações que despertam as nossas emoções*” (Chaves, 2001), “*transforma os hábitos percetivos dos espectadores ao criar a necessidade de uma hiperestimulação sensorial*” (Ferrés, 1994 *as cited in* Kohlsdorf, 2002), “*exige, por natureza, atividade cerebral, esforço de*

---

1 Dados retirados do *Relatório Final da Comissão de Reflexão sobre o Futuro da Televisão em Portugal*, 1996

2 Dados da AGB, in *Briefing*, 15 de Outubro de 1997

3 Dados da AGB, cujo painel é suposto representar os 8.970.000 portugueses que têm mais de quatro anos de idade, in *Expresso Revista*, dossier ‘Que televisão temos?’, nº1282, 24 de Maio de 1997

4 Dados retirados da *Revista Notícias TV*, Maio de 2013

*construção e reconstrução. Neste sentido não podemos olhar para a televisão como sendo seja, transmissora de fantasia, a sua essência atravessa díspares princípios”.*

É certo que desde os primeiros meses de vida, que a televisão desperta o interesse dos ainda bebês, pelas suas cores, pela força do movimento e imagem.

As crianças vão desenvolvendo o hábito e o gosto de ver televisão ao longo da sua infância. Para além do seu papel de *babysitter*, a TV é, para as crianças, uma contadora de histórias, apelando à sua fantasia e imaginação, mostrando-lhes acontecimentos, pessoas e lugares (Pereira, 1998).

No que diz respeito ao tempo consagrado a olhar para a televisão, este oscila em função dos diferentes períodos da vida do indivíduo: progride desde a primeira infância até à época em que o aluno frequenta a escola primária, decresce durante a adolescência e a primeira parte da idade adulta e, a seguir, aumenta novamente até atingir um nível que se manterá durante todo o resto da vida adulta, registando posteriormente uma ligeira subida; assim as pessoas com mais de 65 anos veem mais televisão que os outros adultos (Breton & Proulx, 1997).

Relativamente ao efeito da televisão nas crianças, tal como refere Pereira (1997), encontramos uma perspetiva pessimista, que considera que a TV fomenta a passividade das crianças, tirando-lhes tempo para a realização de outras atividades tidas como mais interessantes, reforça os estereótipos negativos e incentiva a violência; por outro lado assume uma perspetiva mais otimista, admitindo que as crianças aprendem a ver TV, adquirindo conhecimentos acerca de diversos aspetos do mundo que de outra forma seria difícil de os adquirir.

O caso do programa *Rua Sésamo* assume, neste contexto, um carácter emblemático. Foi concebido para intervir, de forma motivadora, no desenvolvimento de competências e de conhecimento de crianças em idade pré-escolar, em ordem a atenuar, por essa via, as disparidades socioculturais (Pinto, 2000)

Por sua vez, num artigo jornalístico publicado em *O Independente*, a escritora Luísa Costa Gomes, referindo-se a um concurso de textos de crianças com idades compreendidas entre os sete e os dez anos, acerca da sua vida de todos os dias, escreveu, a propósito:

*“Dizia a menina: Na escola não faço nada, depois vou para casa ver televisão; lanche a ver televisão e depois vejo televisão e depois vou jantar; depois do jantar vejo mais um bocadinho de televisão e vou-me deitar. O que se realça aqui é que a criança não dizia: Vejo o Rato Mickey ou gosto muito do Popeye. Os sentimentos não eram para ali chamados. O que ela fazia era ver televisão” (Pinto, 2000)*

O impacto da televisão é de tal forma fervescente que James Lull considera-a *“como sendo outra peça de mobiliário ou equipamento que se encontra em casa. Sendo designados espaços para a televisão, o mobiliário é organizado à volta do aparelho televisivo, sendo que outras atividades da família giram à volta da mesma”* (Pereira, 1998).

Manuel Pinto (2004) cita que a televisão tornou-se no ponto mais atrativo e de interesse lá de casa, originando muitas vezes o conflito entre os diferentes elementos do agregado familiar, neste sentido considera que a presença de um segundo recetor de TV, veio evitar esses mesmos conflitos de preferências ou simplesmente para ver televisão com mais comodidade, fazendo com que a sala de estar deixasse de ser, num número elevado de casos, o espaço de encontro e de interação entre a família.

Se por um lado, esta transformação veio permitir a resolução de uma serie de conflitos que inevitavelmente surgiam no tempo do aparelho único, agora considera-se que a TV em conjunto possa ser motivo de encontro e de enriquecimento mútuo, quando precisamente uma das críticas frequentes contra a televisão é que ela comprometia o diálogo familiar (Pinto, 2002).

Não deixa de ser curioso que se possa agora considerar que ver televisão em conjunto possa ser motivo de encontro e de enriquecimento mútuo, quando precisamente uma das críticas frequentes contra a televisão é que ela compromete o diálogo familiar. Sendo certo que o seguimento de alguns programas, em especial durante as refeições, podia ser utilizado como biombo que impedia a conversa, a verdade é que são também frequentes as situações em que esses programas motivam e alimentam interações que de outro modo poderiam bem sequer ocorrer (Pinto, 2002).

Em alguns lares a televisão chega a ocupar grande parte do tempo livre da semana e mesmo as ocupações de fim-de-semana alteraram-se. Dumazedier fala das diferenças que encontrou na forma de ocupar o serão:

*“o conteúdo da vida nocturna era basicamente a conversação familiar, amorosa ou entre amigos. Sem desvalorizar outras mudanças, as noites hoje são dominadas em geral pelo espectáculo da televisão (...).A conversação não morreu, mas mudou, incluindo agora um terceiro grupo, o dos actores, apresentadores e estrelas da televisão, novos convidados da noite. As relações afectivas e utilitárias com crianças e adultos não foram suprimidas. A televisão é fonte de novidades, de cooperação e às vezes de conflito na escolha do canal. As saídas à noite não desapareceram. Continuam (...) mas de forma menos frequente, seja para o café, o cinema ou o teatro. São também, provavelmente, mais selectivas. O jantar reúne à mesa o círculo familiar, mas transformou-se em jantar - espectáculo, um pouco como nos cafés - teatros. A «sociedade do espectáculo» chegou ao coração do lar”* (Pereira, 1998).

O consumo televisivo foi em tempos bastante diferente do que é hoje, não sendo logo reconhecido desde o seu aparecimento, como um fator de estruturação do tempo e dos espaços familiares, como se caracteriza no tempo presente. Nos tempos iniciais, o café, a associação desportiva ou cultural e outras instituições afins eram conhecidos como centros privilegiados para seguir a programação televisiva. Deste modo, ver televisão era dado como um ato coletivo (Pinto, 2002).

Hoje o relacionamento do sujeito com a televisão está modificado, aliás a sociedade está sempre em constante transformação, justificação pela qual determinadas dinâmicas familiares se alteraram, como é o caso da relação da televisão com a família.

## **1.5 – O Efeito da Televisão na Comunicação Interpessoal Familiar**

A sociedade e as diferentes esferas que ela envolve estão constantemente a sofrer profundas e significativas transformações. Sendo a família um elemento fundamental e uma referência na sociedade, não ficando ela impune à mudança.

Ao longo de um tempo recente, as funções da família moderna sofreram determinadas transformações. *“Num passado, não muito recuado, atribuíam-se-lhe, essencialmente três funções: a reprodutora, a educativa e a económica. Estas, aliadas a outras, continuam a estar presentes nos nossos dias, embora sejam vividas de modo diferente”* (Leandro, 2001).

Essas mudanças que têm vindo a afetar a instituição familiar ocorrem no cruzamento de diferentes fatores como por exemplo: culturais (movimentos feministas;

maior aceitação da separação e do divórcio), económico-políticas (profissionalização; implementação de políticas familiares) e tecnológicos (Pinto, 2001).

Uma das transformações mais significativas diz respeito à educação, neste sentido a família atual partilha, cada vez mais, a função educativa com outras instituições, designadamente a escola e os *mass media* (Leandro, 2001). O que acontece é que nas famílias modernas o tempo torna-se cada vez mais escasso, seja porque o trabalho absorve em excesso, seja porque a vida de casa requer dedicação, sendo, por vezes, mais fácil sentar os filhos, ainda pequenos, diante da televisão (Pinto, 2001).

Esta conjuntura permitiu que a televisão se afirma-se no vínculo familiar de modo tão enraizado, dando espaço para assumir um papel de grande importância e de determinada liderança. Como Manuel Pinto (2002) refere, “*A televisão é uma questão da e na família porque ao longo dos anos se foi convertendo num factor de estruturação do tempo e até dos espaços familiares*”.

A relação entre a televisão e a família tem sido analisada e estudada, desde o pós-guerra, por vários investigadores. Alguns deles verificaram que a televisão, em geral, e o visionamento televisivo de certos programas, em particular, pode contribuir para o aumento das interações familiares positivas, nomeadamente de diálogo familiar.

A televisão faz parte do quotidiano das famílias e esta é, indubitavelmente, o principal contexto em que se realiza a experiência televisiva e em que se constrói o sentido das suas mensagens. Além disso, a família é o tema central de alguns programas televisivos, sendo apresentada periféricamente noutros, o que constitui também um agente de socialização em relação aos papéis diferenciados dos seus membros (Gunter & Svernvig, 1987 *as cited in* Vidigueira, 2006).

Pereira (1998) afirma, que o consumo da televisão por vezes impõe o silêncio ou gera conflitos, outras vezes, constitui uma companhia para a solidão e contribui para dissolver os conflitos.

Tendo em conta a utilização diversificada da TV no interior das famílias, esta assume-se com um papel duplo: se é um facto que gera conflitos e provoca divergências no seio do agregado familiar, é também ela muitas vezes utilizada para disfarçar essas mesmas divergências familiares. Sendo ela que alimenta conversas mas que também impõe o silêncio, que favorece as relações entre as gerações mais novas, mas também

cria ocasiões de reivindicação. Significa isto que sendo a televisão, por vezes, uma concorrente da família e da sua ideologia educativa, noutras ela posiciona-se como uma forte aliada.

Alexander 1994, *as cited in* Pereira, 1998 sustenta que a maior parte do tempo em que os membros da família estão juntos, estão também na presença da televisão pelo que, no mínimo, esta define parcialmente o contexto em que ocorre a interação familiar e, desta forma, ajuda a determinar o sentido desta interação. Não deixa de ser curioso que se possa agora considerar que ver televisão em conjunto possa ser motivo de encontro e de enriquecimento mútuo, quando precisamente uma das críticas frequentes contra a televisão é que ela compromete o diálogo familiar. Sendo certo que o seguimento de alguns programas, em especial durante as refeições, podia ser utilizado como biombo que impedia a conversa, a verdade é que são também frequentes as situações em que esses programas motivam e alimentam interações que de outro modo poderiam nem sequer ocorrer (Pinto, 2002).

O papel da instituição familiar é fundamental e torna-se prioritário analisar as relações que se estabelecem em casa entre o agregado familiar e os *media*. “ *O quotidiano da família está intimamente ligado ao quotidiano da televisão, embora a relação que os pais mantêm com a TV seja um tanto ambígua e até contraditória*” (Pereira, 1998).

Por um lado, acham que ela é causadora de todos os males, privando as crianças de tempo para estudar, dormir ou praticar desporto, o que, por seu lado, se reflete também na saúde, na capacidade de concentração e no desempenho escolar ou ainda tornando-as demasiado positivas ou violentas.

*“Mas, simultaneamente consideram que à televisão compete educar, instruir, ensinar... Queixam-se dos efeitos perniciosos, mas adotam-na como baby-sitter por excelência durante horas e horas... É cómodo para os pais e tem a vantagem de reter as crianças em casa, sob o seu controlo”* (Santos, 2003, *as cited in* Vidigueira, 2006).

Stoneman & Brody (1981, *as cited in* Pereira, 1998) desenvolveram ao longo dos diferentes estudos sobre a influência da atividade televisiva nas interações familiares que os programas televisivos que os membros da família escolhem para ver ajudam a organizar a interação familiar.

De acordo com Pereira (1998)

“ o papel que, a televisão assume na família relaciona-se de modo estreito com a sua importância na vida quotidiana e com os usos que se fazem dela”. “ Se é certo que a TV constitui para muitos um recurso de momento, não é, menos verdade que ela é também procurada, estimada e intensamente apreciada. A comprová-lo está o facto de a esmagadora maioria das famílias considerar que seria atualmente muito difícil viver sem televisão”.

A televisão está vinculada ao quotidiano das famílias - “é quase outro membro da família” (Gunter & Svennevig, 1987 *as cited in* Vidigueira, 2006). Particularmente para as crianças, ver TV não é uma atividade isolada, ocorre habitualmente em casa, na companhia dos pais ou dos irmãos e é, muitas vezes, acompanhada de outras atividades. A família é, pois, o principal contexto em se realiza a experiência televisiva e em que se constrói o seu sentido. É também o contexto que mais influência exerce na experiência televisiva das crianças. Além disso, a família é o tema central de alguns programas televisivos e é apresentada periféricamente noutros, o que constitui também um agente de socialização em relação aos papéis diferenciados dos seus membros (Gunter & Svennevig, 1987 *as cited in* Vidigueira,2006).

É imprescindível estudar o contexto de receção, ou seja, estudar a ocasião em que decorre habitualmente o respetivo consumo televisivo: o contexto familiar. Um entendimento da dinâmica familiar, do seu quotidiano e do próprio sistema familiar, constitui, de acordo com esta orientação, uma variável indispensável para a compreensão do lugar e da importância da televisão no lar.

O lar ou a família são entendidos como unidade básica do consumo doméstico, oferecem o contexto mais apropriado para uma investigação naturalista do consumo e da produção dos possíveis significados televisivos (Morley & Silverstone, 1993 *as cited in* Pereira,1998).

O estudo aqui presente centra-se na correlação da comunicação interpessoal familiar com o aparelho televisivo, sendo irreversível não evocar a casa como símbolo e expressão, uma vez que se torna num espaço por excelência para a ação e interação familiar, sendo que é o contexto em que ocorre predominantemente o uso dos *media*, especificamente o da televisão, igualmente objeto do presente estudo.

Um estudo realizado por Steven Chaffee, Jack McLeod e Charles Atkin, do Centro de Investigação da Universidade de Wisconsin, nos EUA, sobre Comunicações de Massas vieram formular uma tipologia alusiva aos padrões de comunicação na

família. Essa formulação baseou-se numa pesquisa empírica (a cerca de 1300 famílias americanas) que procurou compreender como a natureza da comunicação interpessoal na família influenciava o uso e a interação com os *mass media*.

Nas famílias cujo padrão comunicativo se orienta para a dimensão social, os pais motivam os filhos a desenvolver um clima de harmonia e passividade nas relações pessoais, a evitar conflitos e qualquer outra forma controversa de expressão ou comportamento, e a dar-se bem com os restantes membros da família e com outras pessoas com quem se relacionem.

Tal como verificou Pereira (1998) nas famílias de orientação conceptual, os filhos são incentivados a expressar os seus sentimentos, ideias e opiniões acerca dos mais diversos assuntos da vida, mesmo em situações controversas em que porventura choquem com opiniões e sentimentos de outros.

Desta forma, verificamos que a significativa diferença reside, na forma como denotam a preocupação com os sentimentos e opiniões dos outros em contraposição com a relevância na apresentação e discussão de ideias díspares.

Neste sentido, os trabalhos desenvolvidos pela equipa de Chaffee relativos à aplicação dos padrões de comunicação à interação das famílias e das crianças com os *media*, permitiram concluir que nos modelos socialmente orientados (famílias do tipo preventivo e consensual), os níveis de consumo televisivo, tanto dos pais como dos filhos, tendem a ser elevados, embora se registre um consumo baixo de informação por parte das crianças (Pereira, 1998).

No que diz respeito aos modelos de organização conceptual, tanto os pais como os filhos, manifestam, em geral, um baixo consumo televisivo, exercem um considerável controlo da televisão, e usam os *media* mais como meio de informação do que como entretenimento e escape.

Tendo por base os padrões de comunicação na família, James Lull realizou um estudo para determinar se as famílias de orientação social diferiam das famílias de orientação conceptual na forma como usam a televisão (Pereira, 1998).

Os resultados desse mesmo estudo revelaram, claramente, que existem diferenças entre aqueles dois modelos: As famílias socialmente orientadas para as relações sociais harmoniosas não só veem mais televisão que as orientadas para a livre

expressão de ideias, como também manifestam uma oposição relativamente aos usos sociais da televisão. Lull *as cited in* Pereira, 1998 refere que a diferença mais forte entre aqueles dois modelos manifestou-se em relação à utilidade da televisão como meio proporcionador da comunicação interpessoal da família.

Nas famílias sócio orientadas a televisão é usada como uma fonte de aprendizagem, como fonte importante de assuntos para a conversa na família, portanto aceitam a televisão como uma parte importante da comunicação na família e reconhecem que a televisão desempenha um importante papel no comportamento social. As famílias orientadas para as ideias, revelam uma maior independência em relação ao meio televisivo e rejeitam-no como um contributo significativo para a comunicação na família. Utilizam mais a televisão para “*transmitir valores familiares, revelar as experiências das crianças e facilitar argumentos e acções*” (Lull, 1980 *as cited in* Pereira, 1998).

James Lull concluiu, que os padrões de comunicação na família predizem, efetivamente, diferentes usos do meio televisivo para uma variada gama de objetivos interpessoais.

Se, por um lado, a prática televisiva deve ser estudada e compreendida no contexto em que se realiza, por outro, como refere Alexander 1990, *as cited in* Pereira, 1998) “*a prática televisiva proporciona, claramente, um excelente contexto para o conhecimento da dinâmica familiar*”. Silverstone 1994, *as cited in* Pereira, 1998 afirma, “*Estudar uma é estudar a outra*”.

Destacam-se, a este nível, nomes como James Lull, nos EUA, e David Morley, na Grã-Bretanha, que desenvolveram pesquisas pioneiras no estudo da receção televisiva no contexto familiar.

Os respetivos autores sustentam que a atividade televisiva deve ser compreendida dentro da estrutura e da dinâmica do contexto de ação: o espaço doméstico. Defendem que a televisão é um meio social e simbólico usado de diferentes formas, por diferentes famílias, para ajudar a estabelecer relações interpessoais. Reconhecendo a televisão como um fator que da mesma forma que influencia é influenciado pelo sistema familiar.

O entendimento da atividade “ver televisão” não reúne uma definição simples e linear, uma vez que a ação pode ser impulsionada por diferentes razões. Como defende Morley, ver televisão não pode ser assumida como uma atividade uni - dimensional com um significado e um sentido comum a todos que a realizam (Pereira, 1998)

Como já foi referido a atividade televisiva ocorre, na sua maioria, no contexto familiar. No entanto, os padrões de interação no contexto dessa mesma atividade podem variar na e entre famílias. Alexander 1993, *as cited in* 1998, Pereira considera que o contexto da prática televisiva não é facilmente definido: se numa determinada família ver televisão pode contextualizar a interação, isto é, quando está a ver, a família focaliza-se na televisão e define a sua atividade como “ver televisão”, noutra família, a televisão pode estar ligada, mas a atividade é definida de forma diferente, como por exemplo, convívio e realizar o trabalho doméstico.

Neste sentido, verifica-se que mesmo não existindo uma interação direta com a televisão, podendo os membros do agregado familiar estar envolvidos noutras atividades e contextos, o facto é que o aparelho televisivo se mantém ligado nessas mesmas interações, que mais não seja como criador de ambiente (Pereira, 1998).

Não é, portanto, possível considerar que as práticas televisivas sejam análogas a todas as famílias. O mesmo se pode dizer em relação ao uso da televisão, isto é, à forma como a família constrói o sentido da televisão.

Podemos então afirmar que os usos da TV são mediados por um conjunto de fatores presentes no sistema familiar, e que a televisão pode servir um conjunto diverso de usos e funções. Sendo que esses diferentes fatores contribuem para construir a dinâmica do sistema familiar.

Bryce & Leichter (1983) consideram que *“directa ou indirectamente a televisão proporciona bases para a interacção familiar”* e que pode influencia-la mesmo quando os membros da família não estão a ver TV e até mesmo quando não estão em casa. Ou seja: os *media* podem desencadear processos de interação não apenas no momento do consumo, mas também em muitas outras situações de interação separadas no espaço e no tempo relativamente ao contexto de receção, situações essas também importantes para o estudo e análise do papel dos *media* na família (Pereira, 1998).

Stoneman & Brody *as cited in* Pereira, 1998 começaram por rejeitar a ideia de que a TV domina simplesmente a vida da família, procurando então estudar como é que a atividade televisiva influencia os padrões de interação familiar. Os resultados da pesquisa sugerem que os programas televisivos que os membros da família escolhem para ver ajudam a organizar a interação na família. Dizem as autoras: “*em alguns casos a programação televisiva fará diminuir a interação entre alguns membros; noutros casos, um outro programa poderá aumentar ou manter a interação. Isto é, a atividade televisiva ocorre em diferentes contextos, cada um pode criar diferentes padrões de interação familiar*”.

No livro editado por Philip Simpson, *Parents Talking Television* (1987), uma obra que, como o próprio título indica, apresenta as opiniões de alguns pais britânicos, baseadas nas suas próprias experiências, sobre o significado da televisão na vida familiar. Esta análise autobiográfica serve para iluminar a forma como algumas famílias interagem com a televisão no espaço doméstico (Pereira, 1998).

Eis algumas reflexões gerais conclusivas desse livro, que vai intimamente ao encontro do que temos vindo a desenvolver:

- A maior parte das famílias falam do contributo positivo que a TV proporciona ao nível da relação com os filhos;
- Constatam que os usos da televisão mudam com a idade e que os interesses dos próprios membros da família também mudam, e que a televisão serve para diferentes funções e desperta igualmente diferentes sensibilidades de uma geração para a outra;
- No lar, as rotinas relacionadas com as refeições, o sono, as tarefas domésticas e os trabalhos escolares, as conversas, desenvolvem-se tendo frequentemente em consideração o horário da programação televisiva e são, por vezes, reguladas e transformadas pela própria TV. Com alguma indignação e inquietação, falam da TV como estando “simplesmente lá”, mas que conforta ou irrita, e acompanha as rotinas e as “crises” familiares;
- Referem que “ver TV” por vezes pode ser o único tempo que todos os membros da família passam juntos, podendo mesmo ser a única experiência agradável que partilham entre si;

É conclusivo que a televisão serve um conjunto vasto de usos e funções: os membros da família podem ver televisão para estar juntos ou para se afastar; como base de conversa ou para a evitar; pode ser uma fonte de conflitos ou um escape para eles. Em alguns casos, pode diminuir a interação familiar; noutros, pode contribuir para iniciar processos de interação. Ou seja: o contexto da atividade televisiva pode criar diferentes padrões de interação familiar e esta, por sua vez, pode conduzir a diferentes usos da televisão.

As relações interpessoais no seio familiar desempenham um papel importante ao nível das práticas televisivas - na escolha dos programas, nas conversas que precedem, acompanham ou seguem os programas, assim como ao nível da atenção - seleção - interpretação/compreensão - assimilação/integração - apropriação e atribuição de sentido às mensagens televisivas.

James Lull (1980), a partir de uma investigação etnográfica que envolveu cerca de 200 famílias, elaborou uma tipologia dos usos sociais da televisão na família. Considera que os usos da televisão no lar são de dois tipos: estruturais e relacionais (Pereira, 1998).

Na categoria estrutural, Lull inclui o uso da TV como um “*recurso do ambiente*” – para criar um fluxo constante de “ruído de fundo” que se destaca para primeiro plano quando os indivíduos ou grupos o desejam; que serve de “companhia” na realização das tarefas domésticas e das rotinas do lar, e que serve também frequentemente a função de entretenimento da família. Ainda nesta dimensão, a TV é considerada como “reguladora”: pontua o tempo e as atividades da família, tais como a hora das refeições, a hora de deitar, os períodos de trabalho doméstico, e regula os padrões de conversa que são influenciados pelos ritmos da programação (Pereira, 1998).

Os usos relacionais estão mais integrados em processos particulares de interação da família e em situações interpessoais específicas. O interesse não é tanto com o ambiente geral da casa, mas principalmente com as relações específicas que os membros da família estabelecem e mantêm entre si. Esta categoria inclui quatro níveis: facilitação da comunicação, ligação/evitação, aprendizagem social e competência/domínio.

O primeiro nível refere-se ao papel da televisão como “facilitadora da comunicação”: as personagens, as histórias e os temas dos programas televisivos são

utilizados para facilitar a conversa entre os telespectadores, não só em casa como no emprego, na escola, etc. Os conteúdos televisivos são mencionados frequentemente pelas crianças para darem exemplos de algo que estão a tentar explicar. A televisão é também frequentemente usada como referência pelos adultos (Pereira, 1998).

O segundo nível diz respeito à criação de oportunidades para manter ou evitar o contacto interpessoal. Ver televisão pode ser, para a família, um momento de relaxar, de promover a harmonia e de reduzir os conflitos interpessoais, pelo menos durante o período de tempo em que decorre essa atividade. Pode também ser um escape, não apenas aos problemas ou responsabilidades individuais, mas ao próprio meio social. Lull preocupa-se em sublinhar que nesta análise não devemos “pintar um quadro” em que a família surge como realidade fixa e estática diante da televisão, mas que devemos antes considerar “ver televisão” como uma atividade dinâmica e descontínua (Pereira, 1998).

A “aprendizagem social” é outro nível dos usos relacionais. O autor sustenta que há uma correspondência entre as aprendizagens que se realizam a partir da TV e usos sociais. Considera que as (maiores ou menores) oportunidades de aprendizagem dependem dos usos que se faz da televisão (Pereira, 1998).

A “competência e o domínio” é o quarto nível. Lull considera que a atividade televisiva envolve diferentes formas e estratégias de domínio interpessoal. Estas são utilizadas frequentemente pelos membros da família para demonstrarem as suas competências pessoais numa área ou noutra, e para estabelecerem ou reforçarem o poder pessoal. A TV é também utilizada, em algumas famílias, como recurso para exercer a autoridade, e como recompensa ou como castigo (Pereira, 1998).

Esta tipologia é útil para organizar e descrever alguns aspetos da relação entre a televisão e as interações da família. Importa considerar, que a presença da TV no quotidiano da vida familiar é uma construção das famílias, e os usos sociais da TV são partes dessa construção. Lull *as cited in* Pereira, 1998 refere que tanto os usos estruturais como os usos relacionais são construídos pelos membros das famílias e não pela televisão, pois “*eles são os únicos que ligam o aparelho receptor e que controlam as suas próprias agendas da actividade televisiva*”. Ao construir a sua tipologia, Lull privilegiou mais os contextos interpessoais do que os telespectadores individuais, e

levantou algumas questões inovadoras acerca do diferencial na distribuição do poder entre os telespectadores no contexto familiar.

James Lull desenvolve uma perspectiva teórica para analisar a atividade das audiências da televisão. Sustenta que os padrões de envolvimento da audiência com a TV são manifestações do nível microsociai (família) e do nível macrosociai (cultura). Isto significa que os usos sociais da TV interagem, por um lado, com normas mais amplas da sociedade e, por outro, com os padrões de interação do círculo familiar (Pereira, 1998).

O conceito - chave, *extensão*, utilizado pelo autor é (re) tomado do trabalho de Marshall McLuhan que, descreveu os *mass media* como prolongamentos dos sentidos do homem. Partindo então deste conceito, Lull apresenta uma “tipologia das extensões” da TV baseada em três níveis: a cultura, a casa e a pessoa. Ao apresentar estes três níveis, Lull não só considera a forma como a audiência usa a TV para responder aos seus interesses individuais e familiares, como também considera as formas como a TV interage com as práticas quotidianas e com valores sociais e culturais mais amplos. Analisemos cada um dos níveis (Pereira, 1998).

**Cultura:** este nível refere-se ao contexto social mais amplo em que a família está inserida. Os padrões culturais são normativos e servem de referência para a construção de regras e normas que orientam a vida quotidiana familiar. Influenciando a forma como a televisão é integrada e utilizada nas famílias (Pereira, 1998).

**Casa:** a atividade de ver TV ocorre predominantemente em casa, no seio da família. Ver televisão e falar acerca do que se viu são “extensões” das formas de comunicação interpessoal que ocorre entre os membros da família. O tempo de consumo, os modos de ver, os programas vistos, o seu significado e a respetiva relação com outras atividades da família são aspetos que são influenciados por um conjunto de circunstâncias (por exemplo económicas) da família (Pereira, 1998).

**Pessoa:** neste terceiro nível, Lull chama a atenção para o facto dos estudos sobre a família considerarem-na como uma “unidade” ou como um “sistema”, havendo no entanto necessidade de contemplar os diferentes interesses e necessidades individuais dos membros da família. Considera que se deve atender ao facto de, na maior parte das vezes, a família não atuar como um grupo harmonioso quando está a ver TV (acontece,

por exemplo, quando o homem e a mulher têm modos de ver distintos, quando não têm os mesmos gostos e preferências ao nível dos programas, etc.) (Pereira, 1998).

Entre os diferentes fatores que podem influenciar a experiência televisiva das pessoas, o autor salienta a idade, o sexo, as emoções, fantasias, prazeres, medos que os programas televisivos podem desencadear, e os motivos porque se vê (por interesses pessoais, vocacionais, profissionais; para passar o tempo, para relaxar, como entretenimento, como escape, como ocupação do tempo livre).

Quando em alguns estudos parece emergir uma certa ideia ou uma certa tendência para considerar a atividade de ver TV como uma atividade homogênea, comum a todas as famílias, Lull *as cited in* Pereira, 1998 mostra-nos que “*as famílias do mundo veem televisão distintamente no seio das suas próprias culturas.*”

Na sequência do pensamento de Lull e compreendidas as diferentes ilações que ele profere, terminamos este capítulo com as seguintes fundamentações:

- os diferentes membros da família são considerados construtores ativos das suas vidas quotidianas e, por consequência, das suas práticas televisivas;
- o telespectador é considerado não só como sujeito ativo em relação à televisão, mas também como agente social e participante de uma determinada cultura;
- o sistema televisivo é também considerado sobre uma perspetiva sistémica e dos contextos sociais da sua produção e dos seus usos sociais;
- a atividade de ver televisão, no contexto familiar, é inevitavelmente influenciada por diferentes fatores, designadamente o próprio meio televisivo e o contexto social em que ocorre;
- são consideradas as diferentes formas como as famílias veem televisão: entre os membros de uma mesma família, e entre famílias de diferentes contextos sociais e culturais;
- o próprio trabalho dos *media* é, por natureza, um trabalho que está intimamente ligado à construção social e à representação, não sendo em vão que a televisão representa com frequência a própria vida familiar.

## **PARTE II – APRESENTAÇÃO DO ESTUDO E METODOLOGIA**

### **2.1 – O Problema e os Objetivos**

Desde o nascimento que a família surge como instituição primordial na socialização da criança, desenvolvendo a aprendizagem de normas e modelos de comportamento no vínculo familiar. Atualmente, embora continue a protagonizar um papel crucial no processo de socialização, a família tem vindo a ser auxiliada e complementada com outro agente de socialização que se tem vindo a afirmar de uma forma galopante. Falamos dos meios de comunicação de massas, precisamente: a televisão.

O presente estudo será desenvolvido para compreender o efeito que a televisão proporciona à comunicação familiar. Neste sentido, cabe perceber se a televisão é capaz de motivar a comunicação ou se, pelo contrário, se torna num impulso ao silêncio, reduzindo a interação familiar, fomentando deste modo a individualização no seio do grupo doméstico. É igualmente do interesse da investigação entender se a televisão pode provocar desbloqueios no diálogo, promovendo o debate de determinados temas, ideias e conceitos transmitidos pela mesma ou se, por outro lado é hábil em gerar constrangimentos e divergências comunicacionais e de opinião, conduzindo ao conflito e à desunião familiar.

O estudo que nos propomos desenvolver assenta num conjunto de pressupostos a saber: Como por exemplo:

- “A televisão é uma questão da e na família porque ao longo dos anos se foi convertendo num fator de estruturação do tempo e até dos espaços familiares” (Pinto, 2002);

- a TV posiciona-se como um dos principais meios de informação e entretenimento, desempenhando um papel importante nas interações sociais, nomeadamente no quotidiano das famílias;

- a televisão alimenta interações que de outro modo poderiam nem sequer ocorrer (Pinto, 2002);

- a televisão protagoniza múltiplos papéis, incluindo o de *baby-sitter* como avançou o autor Manuel Pinto. Como fonte de entretenimento e som ambiente, passível de provocar divergência entre os membros da família como também de motivar a comunicação e unir o agregado familiar;

- a TV é reconhecida por muitas famílias como que outro membro da família;

- ver televisão é a atividade mais frequentemente partilhada pelos membros da família, tanto de forma direta como indiretamente, fornecendo assim bases para a interação na família;

- o contexto familiar tem uma influência fundamental ao nível dos usos da televisão pelas crianças;

- o quotidiano das famílias é habitado e construído pela presença da televisão;

Tendo como base este conjunto de pressupostos, propomo-nos conhecer e analisar:

- a importância da televisão;

- os diferentes usos da televisão na família;

- tipologias de usos da televisão pelas famílias, no que diz respeito aos hábitos de ver televisão, aos tempos despendidos ao consumo, às preferências televisivas, ao modo de ver televisão, etc.

- o efeito da televisão na relação familiar;

- os(s) significados e a importância da televisão no quadro da vida familiar;

- as formas de relação e interação das famílias com a televisão.

## **2.2 – Opção Metodológica**

### **2.2.1 – Instrumento de Recolha de Dados: A Entrevista**

Face ao objeto e aos objetivos da pesquisa, tornou-se necessário recolher informações, experiências, vivências e opiniões no meio do agregado familiar, junto a

casais com filhos de modo que pudéssemos obter “matéria-prima” tanto em entrevista ao casal como em entrevista quer ao casal quer aos filhos.

O estudo empírico terá sido cúmplice da metodologia qualitativa, fazendo uso da entrevista semiestruturada como técnica na obtenção de resultados congruentes e exemplificativos da problemática em questão, a par da observação direta e pesquisa documental.

Segundo a revisão da literatura, a entrevista apesar de ser reconhecida pela sua carga subjetiva e pela definição do conceito da situação afirma-se como uma das técnicas mais ricas e das mais utilizadas no âmbito da Sociologia.

Permite também ao entrevistador delimitar os temas a abordar, conferindo, no entanto, um grau de liberdade bastante elevado ao entrevistado para se manifestar sem constrangimentos excessivos, para além dos inerentes à própria situação de entrevistado.

Considero imprescindível referir que a composição da amostra cumpriu os procedimentos propostos por Anselm Strauss. Procurou-se garantir a diversidade dos casos, de modo a possibilitar a comparação. O tamanho da amostra foi ditado pela saturação da informação.

As entrevistas decorreram no domicílio dos investigados ou noutra local, consoante a escolha dos mesmos. Foi nossa preocupação assegurar a presença de vários tipos de famílias em vários tipos de contextos (habilitações escolares, profissão e condição social).

Sempre que possível, proceder-se-á à triangulação das informações, designadamente, das entrevistas, da pesquisa documental e da observação.

## **2.3 – Constituição e Caracterização do Grupo de Inquiridos**

### **2.3.1 – Constituição do Grupo de Famílias – Amostra**

Uma vez que tínhamos como objetivo, a partir dos resultados obtidos, fazer uma análise compreensiva sobre o efeito da televisão na comunicação interpessoal familiar, e não fazer inferências válidas e aplicáveis a todos os contextos familiares, não houve preocupação em constituir um grupo de famílias representativo e com significância estatística.

Neste sentido, foram realizadas entrevistas a nove famílias, onde de forma separada se entrevistou primeiramente o casal e posteriormente, de forma independente à entrevista do casal, o filho(a) do mesmo. Só em casos excepcionais o casal esteve presente na entrevista realizada ao filho(a), para auxílio do mais pequeno uma vez que com seis e oito anos de idade os entrevistados mostraram-se com falta de vontade, sendo fundamental uma presença familiar para obtenção de informação necessária ao estudo.

Sendo assim, foram realizadas nove entrevistas a casais e outras nove entrevistas aos seus respetivos filhos.

A amostra é pertencente ao concelho de Vila Nova de Famalicão, o seu posicionamento social refere-se ao de classe baixa e classe média, cujos casais tinham de ter filhos em idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos de idade.

### **2.3.2 – Caracterização da amostra**

No que ao agregado familiar diz respeito, as famílias entrevistadas eram compostas por três elementos, sendo que nenhum dos casais tinha mais do que um filho(a), no entanto verificamos que em duas das famílias em foco estavam à espera do segundo filho e outras duas tencionavam ter mais filhos. Estamos assim perante uma amostra que é constituída pelas chamadas famílias nucleares.

A constituição do agregado familiar é composto pelo pai e pela mãe (casal), e pelo respetivo filho(a) sendo dois do sexo feminino e três do sexo masculino.

Na tabela que se segue contempla-se o nível de instrução dos casais entrevistados, não se tendo verificado nenhum caso de inexistência de frequência escolar.

Tabela 1 – Nível de instrução dos casais entrevistados

<b>Nível de Instrução</b>	<b>N</b>
9º Ano	2
12º Ano	6
Licenciatura	10
<b>Total</b>	<b>18</b>

---

A tabela seguinte refere-se à profissão dos casais entrevistados.

Tabela 2 – Profissão dos casais entrevistados

<b>Profissão</b>	<b>N</b>
Professor ensino básico e/ou secundário	4
Empregados da Função Pública	4
Contabilista	2
Auxiliar da acção educativa	1
Empregado(a) de balcão	3
Empregado(a) fabril	4
<b>Total</b>	<b>18</b>

Relativamente à distribuição por classe social das famílias entrevistadas, foi definido desde o projeto do presente estudo confinar-nos à classe média e baixa, excluindo assim a classe alta da nossa amostra.

Tabela 3 – Classificação das famílias por nível socioeconómico

<b>Nível Socioeconómico</b>	<b>N</b>
<b>Médio</b>	<b>5</b>
<b>Baixo</b>	<b>4</b>
<b>Total</b>	<b>9</b>

## **2.4 – A Realização das Entrevistas**

Foi elaborado um guião para a realização das entrevistas no terreno, que constituía uma série de questões prévias e de tópicos, a saber:

- **os usos da televisão na família:** frequência da atividade de ver televisão e duração média do consumo, quem passa mais tempo e quem passa menos tempo em frente ao ecrã;

- **a televisão e a interação familiar:** como veem TV – se o fazem individualmente ou em conjunto, se em silêncio ou se falam acerca do que estão a ver; se isso acontece com mais frequência em relação a algum programa específico,

- **o impacto e a influência da televisão na relação familiar,** efeito da televisão na comunicação familiar e sua importância.

## **2.5 – Análise dos Dados**

### **2.5.1 – Análise de Conteúdo das Entrevistas**

No que concerne às entrevistas gravadas, destinadas a uma posterior análise de conteúdo, foram integralmente transcritas, traduzindo assim horas de transcrição para que pudéssemos ter o nosso *corpus* de informação. Ao longo das entrevistas, foram anotadas algumas informações que prenderam a nossa atenção, para que assim fossem acrescidas indicações e dados para futura análise.

Num primeiro olhar, foi feita uma leitura rápida que possibilitou criar as primeiras ilações do que continha o nosso *corpus* de informação, em seguida foi feita criteriosamente uma análise exploratória que nos veio permitir a construção de categorias para o tratamento de dados.

---

## **CATEGORIAS TEMÁTICAS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

### **1. Usos da Televisão na Família**

- Número e localização dos recetores de TV no lar
- A importância da televisão
- Frequência da atividade televisiva
- Duração média do consumo
- Quem passa mais tempo e quem passa menos tempo

### **2. Televisão e Interação Familiar**

- Como veem TV: se de forma individual ou em família; Se existe ou não interação familiar na atividade televisiva
- Influência de determinados programas televisivos na comunicação familiar

- Papel e importância da TV no quadro da vida familiar
- Efeito e impacto da televisão na comunicação familiar

### **3. Custo da Televisão**

- Se é dinheiro bem empregue ou não

#### **2.5.2 – Usos da televisão na família**

A primeira questão da nossa entrevista interrogou de forma direta os nossos entrevistados quanto ao número de aparelhos de televisão que detinham no lar. As respostas assumiram diferenças quanto ao número de televisões que as famílias possuíam, e à distribuição das mesmas pelas diferentes divisões da casa.

A maior frequência foi registada quanto à presença da televisão na sala de estar, uma vez que todas as famílias mencionaram ter televisão nessa divisão. Sendo este o espaço por excelência para se ver televisão em união familiar.

Também de referir que em 4 das 9 famílias entrevistadas, tinham mais aparelhos de televisão do que o número por qual se constituída o seu agregado familiar. Em contrapartida, apenas se registam duas famílias com menos televisões do que a constituição familiar, por fim na mesma linha de análise e de forma igualitária a ter uma televisão para cada membro da família, foram registadas as restantes três famílias.

Tabela 4 – Nº de televisões por cada família entrevistada

<b>Nº de televisores</b>	<b>N</b>
Família 1	4
Família 2	2
Família 3	2
Família 4	4
Família 5	3
Família 6	3
Família 7	4
Família 8	3
Família 9	4
<b>Total</b>	<b>29</b>

Tabela 5 – Distribuição do aparelho televisivo pelas diferentes divisões da casa

<b>Designação das divisões da casa</b>	<b>Sala de estar</b>	<b>Quarto do Casal</b>	<b>Quarto do filho(a)</b>	<b>Cozinha</b>
Família 1	x	x	x	x
Família 2	x			x
Família 3	x	x		
Família 4	x	x	x	x
Família 5	x	x		
Família 6	x	x		x
Família 7	x	x	x	x
Família 8	x	x	x	
Família 9	x	x	x	x

Quanto à utilização das diferentes televisões pretendia-se saber se existiam televisões que seriam mais utilizadas por este ou aquele membro da família. Verificamos a unanimidade em todas as famílias, sendo que em todos os lares existia pelo menos um aparelho que fosse mais utilizado por um membro específico do agregado familiar.

Nas famílias em que o(a) filho(a) tinha televisão no quarto verificou-se um uso quase em exclusivo desse aparelho de televisão. Podemos afirmar que existe um isolamento no consumo televisivo, pois na esmagadora maioria do tempo veem televisão sozinhos, quebrando qualquer tipo de comunicação com o restante agregado familiar.

Contrariamente, os filhos dos entrevistados que não registam televisão no quarto, não só veem mais televisão em família, bem como o fluxo de comunicação entre eles e os pais é igualmente acrescido, não inibindo de alguma forma a atividade televisiva individual, uma vez que os filhos que não têm televisão no quarto protagonizam o igual gosto de têm momentos em frente ao ecrã sozinhos, sem qualquer companhia.

Na mesma perspetiva, as famílias que evidenciaram ter televisão na cozinha, é mais utilizado pela mãe do que pelos outros membros da família.

Outro dado curioso é constatar que os casais que têm televisão no quarto, que são todos, à exceção do casal da *Família 2*, acabam por se deitar em horários diferentes, sendo que a mulher se deita mais cedo e acaba por ver a telenovela no quarto, já os maridos ficam até mais tarde na sala de estar a assistir a outros programas. Não se verificou que neste contexto assistissem aos mesmos programas em divisões da casa distintas.

O tempo de consumo passado em frente ao ecrã foi outra variável imprescindível para este estudo assumir os contornos desejados. Foi do nosso interesse perceber quem passa menos e mais tempo em frente ao ecrã e saber, em números, quanto tempo cabe a cada membro. Será de referir que determinados membros da família não tinham qualquer tipo de noção de quanto tempo ficavam ligados à televisão.

Foi também do nosso interesse saber se existia algum dia da semana em que o consumo televisivo acrescia, foi inevitavelmente maioritário que no fim-de-semana se assumia uma disponibilidade diferente, principalmente aos casais que conseguiam despender um pouco mais do seu tempo com a televisão. Já o consumo dos filhos não sofria significativa oscilação com a chegada do fim-de-semana, sendo que a disponibilidade era quase a mesma.

A tabela que se segue apresenta os tempos estimados de consumo por família, sendo designado o tempo de consumo de cada membro do agregado familiar.

Tabela 6 – Tempos estimados de consumo por família

	Mãe	Pai	Filho(a)
Família 1	3h	2h	5h
Família 2	1h30	1h30	5h
Família 3	45m	3h	3h
Família 4	3h	3h	3h
Família 5	1h	2h	3h
Família 6	4h	4h	5h
Família 7	3h	4h	5h
Família 8	3h	3h	4h
Família 9	3h	4h	3h

De acordo com os resultados obtidos, podemos tirar diferentes terminações, no que respeita ao tempo de consumo televisivo entre os diferentes membros do agregado familiar:

- Em todas as famílias em estudo, são os filhos os que mais tempo passam a ver televisão, com a exceção do pai da *Família 9*.

- Na *Família 1* existe a diferença do consumo televisivo do filho sobre a mãe de duas horas e, comparativamente ao pai de três horas, o que faz concluir que este vê pelo menos duas horas de televisão sozinho, uma vez que consome diariamente cinco horas.

- De acordo com os valores anotados percebemos que se não for de forma igualitária são os homens quem mais tempo passa a ver televisão. Com a exceção da *Família 1* em que é a mulher quem vê mais televisão em relação ao marido.

- O valor registado com menos frequência e apenas uma vez foi assumido na *Família 3*, em que a mãe diz passar apenas cerca de 45 minutos diários em frente ao ecrã, tendo de imediato justificado esse tempo devido à azáfama dos seus dias entre a vida profissional e a familiar.

- Em contrário, o tempo de consumo que foi registado com mais frequência foram as 3 horas.

- O tempo mais alto e registado quatro vezes foi as 5 horas de consumo televisivo diário.

Depois da observação da tabela e posterior conclusão dos dados obtidos, denotamos que os valores do tempo de consumo televisivo se distribuem de forma diferente pelos distintos membros que compõem o agregado familiar. Sendo que isso inevitavelmente nos elucida que a atividade televisiva nestas famílias é feita quer em coletivo quer de forma isolada.

Paralelamente à questão do consumo televisivo, quisemos saber se os nossos entrevistados conseguiriam estar sem televisão. Todos eles dizem de forma garantida que não, existindo a exceção da mãe da *Família 3*, que assume que conseguiria passar sem televisão justificando essa possibilidade de acordo com o seu estilo de vida, uma rotina desgastante.

No teor desta questão foram várias as afirmações registadas como por exemplo: *“Não conseguiria estar sem televisão, eu adoro televisão desde sempre. Costumo dizer que tenho uma relação muito próxima com a televisão” Família 1, Filha (18anos); “Era impensável, é que nem consigo imaginar sequer essa possibilidade, costumo dizer que a televisão é a companhia mais certa que temos...” Família 3, Pai; “Evidente que não. Nunca imaginamos esse cenário, até porque a tv faz tão parte e está tão inserida nos nossos dias que é impensável conseguirmos estar sem televisão quer por uma questão de habituação como pelo gosto de ver televisão” Família 4, Casal; “Mas há alguém que consiga viver sem televisão? Eu, sinceramente, não imagino tal coisa” Família 4, Filho (16 anos); “... não me imaginaria a passar os meus dias sem ver televisão, mesmo que o tempo não seja muito para o fazer todos os dias tiro um tempinho para ver televisão” Família 5, Mãe; “Não me imaginava sem televisão” Família 6, Pai; “Eu também não me imaginaria sem televisão, principalmente nos dias de hoje, não ver televisão é estar desligado do mundo” Família 7, Pai; “Não conseguia estar sem televisão, é muitas das vezes o meu entretenimento” Família 8, Filha; “Não consigo estar sem televisão, é o que faço sempre que chego da escola” Família 9, Filho.*

Acontece em inúmeras famílias manter o aparelho de televisão ligado, mesmo sem ninguém a assistir, na maioria dos casos por uma questão tão automática e de habituação que nem chega a ser considerado descuido por parte do utilizador. Maioritariamente, as famílias em estudo evidenciaram o supra citado, sendo a *Família 3* um exemplo de mudança de comportamento ao longo do tempo: *“Normalmente, desligamos sempre a televisão quando não estamos a assistir, foi algo que viemos a mudar ao longo do tempo, eu mesma incuti isso cá em casa, não existia essa necessidade deixar a televisão ligada sem ninguém a assistir”*, por sua vez na *Família 8* apenas deixam a televisão ligada sem ninguém a assistir quando em situações excecionais *“se acontecer é num certo período de madrugada quando adormecemos”*. Contrariamente agrupam-se os exemplos das restantes famílias entrevistadas, mas ilustraremos com o exemplo da *Família 4* que se revelou ser bastante completo, exemplificando os que as demais famílias afirmaram: *“Não me pergunte porque razão, não lhe sei explicar muito bem é automático, é chegar a casa pegar no telecomando da tv da sala e ligar a televisão, tendo aquele som ambiente começo por organizar a agenda para o dia seguinte sempre com a televisão ligada”*.

### **2.5.3 – Televisão e Interação Familiar**

O posicionamento destas famílias perante o ecrã, a forma como veem televisão, se o fazem com os filhos ou não e se a comunicação entre o agregado familiar é afetada pela televisão são linhas mestres deste estudo.

As respostas foram várias e de imediato justificadas quando interrogamos se os pais viam televisão com os filhos. A *Família 1* assume: *“Raramente vemos televisão com a nossa filha. Temos quatro televisões em espaços distintos, gostos de programação diferentes, o que faz com que cada um esteja no seu espaço a ver o que bem entende”*, o mesmo acontece com a *Família 2*, sendo difícil o casal ver televisão com o filho, *“Nem por isso, não é hábito vermos televisão com o nosso filho. A nossa dinâmica familiar, infelizmente não está desenvolvida nesse sentido, sou muito autocrítica em relação a isso”*. O mesmo acontece com a *Família 4*, quando interrogamos o casal a resposta registada foi: *“Tirando as horas das refeições em que temos a televisão ligada, são raras as vezes que vejo televisão com o meu filho”*. Na *Família 6*, o facto de o filho estar crescido parece ser a justificação para o reduzido tempo que passam juntos com a televisão *“Devíamos ver mais televisão com o nosso filho mas na idade dele, sabe como é. Só quer estar no sossego dele a ver o que bem lhe apetece já não tem aquele interesse de estar no colo da mãe a ver televisão”*. O mesmo acontece com a *Família 7* *“Cada vez mais passamos menos tempo junto à televisão com a nossa filha, conforme ela foi crescendo isso foi-se perdendo, talvez por culpa nossa porque deixamos de ter aquela preocupação de estar com ela a ver televisão”*. Na envolvência da mesma justificativa das duas famílias anteriores, para o facto de passarem reduzido tempo com os filhos a ver televisão também temos o exemplo da *Família 8* *“Pouco tempo passamos a ver televisão com a nossa filha. (Mãe) Nesta idade eles pouco querem passar o tempo connosco, é natural”*.

Contrariamente a estas seis situações igualitárias observa-se o inverso na *Família 3* *“Sim, vemos muita televisão com o nosso filho. É uma prática diária cá em casa se não for eu é o meu marido”*, a *Família 5* no contexto desta questão evidenciam a importância de verem televisão com a filha de seis anos *“Sim, temos atenção a isso e achamos que os pais devem estar presentes não digo em toda mas em grande parte da atividade televisiva dos filhos, muito mais nestas idades que se vão tornando mais complicadas em que os miúdos só fazem perguntas e são muito curiosos”*. Na *Família 9*, para além de se considerar importante estar com o filho e com a televisão juntos, não

descartam estar presentes mesmo quando não estão a fazer parte da atividade televisiva do filho “*Sim, vemos bastante televisão com o nosso filho. Se não fosse assim nesta idade não sei quando seria. É importante estarmos a acompanhar o nosso filho na atividade televisiva dele, apesar que agora com os 8 anos dele, acabamos por lhe dar um bocadinho mais de espaço, mas mesmo assim quando ele está sozinho a ver televisão, nós estamos sempre atentos ao que ele está a ver*”.

A par destas afirmações, verificamos que nas *Famílias 3, 5 e 9*, em que as idades dos filhos são entre os seis e os dez anos de idade, os pais acompanham os filhos na atividade televisiva mediando assim os que eles veem na televisão, sendo que predomina atividade televisiva em família face à individual. É evidente que está bem presente a comunicação quando estão perante o ecrã e que esta não se manifesta inibida pela presença da televisão, bem pelo contrário.

Por outro lado, verifica-se, nos filhos que apresentam idades entre os 16 e os 18 anos de idade, a atividade televisiva em conjunto é quase nula, sendo quase exclusivamente nas horas das refeições em que o aparelho televisivo está ligado, que estas famílias conseguem ver televisão juntos. Por esta ordem, a comunicação mostra-se afetada no sentido em que o consumo televisivo realiza-se maioritariamente de forma individual, mais excessivamente pelos filhos.

Como que sequência da questão anterior, mas por sua vez dirigida aos filhos dos entrevistados e sendo uma das questões mestres deste estudo, questionamos os filhos, sobre a preferência quanto à forma de verem televisão e se o faziam na maioria na companhia dos pais ou sozinhos.

As respostas foram várias mas assumiram semelhanças, os mais crescidos, esses não só veem televisão maioritariamente sozinhos como não se interessam pela companhia dos pais na atividade televisiva, apenas só quando determinada programação os incentiva ao consumo em grupo.

*“Na maioria costumo ver televisão sozinha, não tenho preferência se estou sozinha ou acompanhada, isso depende muito dos programas que estou a ver, se for entretenimento tem mais piada ver acompanhada para ir falando e dar a opinião do que se está a ver”.* Filha (18 anos), Família 1

*“Desde que me lembro vejo na esmagadora maioria das vezes televisão sozinho, foi um hábito que criei desde bem pequeno. Não se trata do gostar mais ou não de ver televisão sozinho, mas já é um hábito criado de há muitos anos, algo que considero natural”. Filho (18 anos), Família 2*

*“Vejo na maioria das vezes televisão sozinho, existem programas que prefiro ver sozinho, estar no meu canto sossegado, não é por mal mas gosto mais. O futebol e coisas de desporto é que vejo mais com o meu pai e gosto mais assim, é mais animado e dá para trocarmos ideias”. Filho (16 anos), Família 4*

*“Na maioria das vezes vejo televisão sozinho, e não é por não gostar de estar com os meus pais a ver televisão mas prefiro estar sozinho a ver as minhas coisas, aquilo que eu gosto de ver eles não gostam nem acompanham, exceto o desporto e o telejornal isso ainda vemos juntos. Ver televisão sozinho é o meu momento zen do dia”. Filho, (16 anos) Família 6*

*“Agora vejo a maioria das vezes televisão sozinha, gosto mais de o fazer sozinha. E tenho gostos diferentes dos meus pais e é mais por isso. A não ser as novelas que vejo as mesmas que a minha mãe”. Filha (16 anos), Família 7*

*“Na maioria das vezes vejo televisão sozinha, e não é por não gostar de estar com os meus pais a ver televisão mas prefiro estar sozinha e sossegada”. Filha (17 anos), Família 8*

Quanto aos mais pequenos são os que mais tempo passam a ver televisão na companhia dos pais e que interagem com eles durante os diferentes programas que gostam de acompanhar. Consideram ser divertido ver televisão com os progenitores e a comunicação proporciona-se e flui sem qualquer constrangimento.

*“A maioria das vezes vejo televisão é acompanhado pelos meus pais. Só quando vejo desenhos animados é que o faço mais sozinho. Os programas de animações, coisas de rir e assim prefiro ver com os meus pais, já desenhos animados prefiro ver sozinho”. Filho (10anos), Família 3*

*“Gosto muito de ver televisão com os meus pais e com a minha prima, são poucas as vezes que estou sozinha com a televisão”. Filha (6anos), Família 5*

*“É igual para mim ver televisão sozinho ou acompanhado. Mas gosto de ver as animações, coisa que dá para rir com eles assim tem mais piada. Mas os meus pais quase sempre estão comigo a ver televisão”. Filho (8anos), Família 9*

A programação faz com que a família se reúna ou não na atividade televisiva em família, verificamos isso, existindo claramente programas que juntam o grupo doméstico ao ecrã, bem como aqueles que afastam e impulsionam ao consumo televisivo individual.

A tabela que se segue apresenta os programas televisivos que as famílias em estudo elegeram como sendo aqueles que juntam os pais e os filhos à televisão.

Tabela 7 – Programas televisivos que mais juntam os pais e os filhos à televisão

<b>Programas que juntam a família ao ecrã</b>	<b>Telejornal</b>	<b>Séries, Documentários e Entretenimento</b>	<b>Animações/Desenhos Animados</b>	<b>Desporto</b>
Família 1	✓			
Família 2		✓		
Família 3			✓	
Família 4	✓			
Família 5			✓	
Família 6	✓			
Família 7	✓			
Família 8	✓			
Família 9			✓	

Por outro lado, também quisemos saber quais os programas que menos prendem os pais com os filhos ao ecrã.

Tabela 8 – Programas televisivos que menos juntam os pais e os filhos à televisão

<b>Programas que MENOS juntam a família ao ecrã</b>	<b>Telejornal</b>	<b>Séries, Documentários e Entretenimento</b>	<b>Animações/Desenhos Animados</b>	<b>Desporto</b>
Família 1				✓
Família 2	✓			
Família 3	✓			
Família 4		✓		
Família 5	✓			
Família 6		✓		
Família 7				✓
Família 8		✓		
Família 9	✓			

Na observação das duas tabelas conseguimos perceber que nas *Famílias 3,5 e 9*, o programa televisivo que as reúne ao ecrã são os desenhos animados e programas de animação, por sua vez os programas de carácter informativo, como o telejornal é o tipo de programa que não motiva o agregado familiar a desenvolver atividade televisiva com os filhos. Também a *Família 2* evidencia os programas informativos como sendo aqueles que não conseguem prender a família num consumo televisivo coletivo, contrariamente às *Famílias 1, 4, 6, 7 e 8* que afirmam que o que veem de forma diária em família é o telejornal sendo esse o único momento que junta os diferentes elementos do agregado familiar em união com a televisão, referem-se as horas das refeições que coincidindo com o horário do telejornal.

Até ao momento desta análise, já conseguimos perceber que a atividade televisiva não é unanime em todas as famílias sendo as que têm filhos mais pequenos aquelas que passam mais tempo com eles junto da televisão, caso contrário, as restantes assumem ter interesses de programação distintos, o que faz com que cada um veja o que realmente gosta, mesmo que para isso o faça sempre sozinho. Confirmamos que em alguns casos se não fosse o telejornal nas horas das refeições, não existia qualquer comunicação familiar junto da televisão.

Mas será que mesmo quando a programação interessa a mais do que um elemento do agregado familiar veem televisão juntos? Foi isso que quisemos apreender quando no nosso guião incluímos a seguinte questão: Acontece estarem em divisões da casa distintas a ver o mesmo programa de televisão?

A *Família 1* assume “*Sim, todos os dias isso acontece. Não se trata de um gosto de ver televisão de forma individual, simplesmente cada um se acomoda em espaços da casa diferentes*”. A filha do casal reforça ainda mais este facto dizendo: “*Por diversas vezes, somos três cá em casa e temos quatro televisões. Isso acontece mais depois do jantar, eu por exemplo vou para o quarto ver a telenovela e a minha mãe fica na sala a ver a mesma telenovela, são raras as vezes que a vemos juntas*”. O mesmo acontece na *Família 7* mesmo que não seja todos os dias “*Sim isso acontece com frequência, quando eu e a minha filha acompanhamos a mesma telenovela por vezes ela está no quarto dela e eu no meu a vermos a mesma coisa*”; tal como na *Família 8* “*Sim com os mesmos programas entre mim e a minha filha, a telenovela vemo-la cada uma no seu quarto*”.

Por outro lado, conseguimos ter um exemplo de mudança de comportamento quanto a este aspeto, informado pela *Família 2* “*Não. Mas já aconteceu, em tempos... Já tivemos mais televisões do que as que temos agora, mas recentemente a nossa casa sofreu algumas alterações e determinados aparelhos televisivos deixaram de existir, não foi algo propositado mas isso realmente fez com que passássemos a ver mais televisão em família, coisa que até então era quase inexistente e mesmo assim continuamos a ver mais televisão sozinhos do que em família*”. Não sendo regra como na *Família 1*, na *Família 4* isso acontece mas justificado na sua maioria com os afazeres da mãe com a lide doméstica “*Sim por vezes isso acontece, principalmente com uma telenovela que vejo à hora que estou a preparar o jantar. O meu filho também acompanha mas faz isso no quarto dele e eu na cozinha. Podemos estar em sítios diferentes a ver televisão mas são poucas as vezes que estamos a ver as mesmas coisas*”. No inverso destes exemplos, temos as *Famílias 3, 5, 6* que afirmam: “*Raramente isso acontece cá em casa. Pode eventualmente existir dias em que me deite mais cedo que o meu marido e aí sim acabo por ver o mesmo programa já no quarto. Mas isso acontece em relação a mim e ao marido, até porque o nosso filho não tem televisão no quarto*”; “*Raramente isso acontece porque temos gostos diferentes, e o telejornal vemo-lo sempre juntos, falo em relação ao meu marido porque a nossa filha só vê desenhos animados e animações*”; “*Não acontece, porque nunca estamos a ver as mesmas coisas*”; Assertivamente a *Família 9* é curta e precisa na sua resposta “*Não, isso nunca acontece cá em casa*”.

Sem dúvida alguma que a televisão influencia a relação familiar, em diferentes dimensões da vida quotidiana, apesar de não deter a mesma influência nas dissemelhantes vidas quotidianas e estruturas familiares.

Neste sentido, foi imprescindível entender de que forma a televisão influencia estas diferentes famílias em estudo, tendo sempre como maior atenção compreender o efeito da televisão na comunicação interpessoal familiar.

A *Família 1*, ao longo desta análise, tem-se mostrado bastante próxima da televisão existindo no seio desta família uma significativa individualidade mas afirmam ter uma boa relação familiar com a televisão *“Consideramos que temos uma boa relação com a televisão enquanto família. Quantas vezes estamos a falar, dá determinada notícia e nos mandamos calar uns aos outros para a conseguir ouvir? Aí a televisão influencia a nossa comunicação de forma negativa... Por outro lado, influencia positivamente porque é tema de conversa, de estarmos todos juntos dentro da atualidade e conseguimos divertir-nos com determinados programas”*. Quando questionamos a filha, esta evoca que a televisão consegue ser facilitadora de comunicação em alturas em que a comunicação familiar está mais fragilizada *“Influencia sempre porque estando ligada é sempre uma interferência à nossa relação quer de forma positiva como negativa. A televisão aproxima-nos essencialmente quando estamos em dias menos bons, acaba por se desbloquear o silêncio, para darmos início à conversa sobre o que está a passar na televisão”*.

A *Família 2* assume que a televisão condiciona bastante a comunicação familiar, no que diz respeito ao diálogo do casal com o filho *“A televisão acaba por influenciar a relação familiar, dado que o David (Filho) passa muitas horas a ver televisão, a comunicação fica muito limitada... Ou quando em conjunto procuro algum programa que seja do agrado de ambos, ele não gosta de ser incomodado, mesmo que queira partilhar algo com ele no decorrer do programa que estamos a ver, não consigo ter espaço para o diálogo”*. O filho reforça a afirmação da mãe, *“Influencia sempre, até porque eu vejo quase sempre televisão sozinho. E sei que quando estou “colado” à televisão estou mesmo só para aquilo e são muitas as vezes que não consigo abrir espaço para estar a fazer outras coisas com os meus pais, ou até responder a determinadas perguntas. É que me desligo mesmo quando ligo a televisão”*.

A mãe da *Família 3* tem uma postura autocrítica no sentido em que o que a televisão de menos bom pode influenciar a nível familiar está relacionado com a consciência de cada um *“Influencia em determinados momentos do dia, por exemplo: eu posso estar a fazer determinadas tarefas na cozinha e o meu marido está na sala a ver televisão, poderíamos estar juntos se não fosse a televisão, mas isso já vai da postura de cada um é muito relativo, é a televisão mas a culpa não é da televisão propriamente dita porque somos nós que temos de ter essa consciência”*. Na opinião do filho de dez anos, a televisão só traz união *“A televisão une-me aos meus pais, porque é divertido são momentos que conseguimos estar juntos”*.

A opinião da *Família 4* considera que a televisão condiciona o tempo de interação e comunicação familiar *“Influencia no sentido em que se eventualmente existisse uma só televisão como antigamente a família reunia-se mais na sala para conversar, agora com tanta oferta quer de equipamentos como a nível da programação é inevitável que havendo gostos diferentes as pessoas não estejam tanto unidas e se individualizam mais”*. Quanto a esta questão, o filho de 16 anos mostra-se preocupado com promessa de reflexão futura *“Influencia sempre porque é algo com que lidamos todos os dias cá em casa. E eu quando me foco nas minhas séries no meu canto do quarto sossegado faz com que esteja isolado de tudo e de todos até mesmo quando os meus pais recebem visitas, sou capaz de sair apenas do quarto para cumprimentar “Olá, tudo bem?” e vou novamente ver tv... mas mesmo assim eu e os meus pais temos uma boa relação com a televisão. O tempo em que poderíamos estar à conversa é que fica mais reduzido e pensando bem por causa da televisão falamos menos. É bom estarmos a falar nisto, porque vou pensar no assunto”*.

A *Família 5*, apesar de desenvolver uma boa relação familiar com a televisão e de passar bastante tempo com a filha de seis anos a ver televisão, considera que esta tem um fortíssimo poder de distração para com a mais pequena: *“A televisão quer queiramos quer não influencia sempre a relação familiar, uma vez que a sua presença faz com que haja naturalmente como que um captar de atenção mais fácil, por exemplo: a televisão assume um poder de entretenimento muito maior à minha filha do que eu, até porque a televisão está sempre lá e todos os dias lhe consegue dar a mesma atenção, enquanto que eu e o meu marido pelas questões da vida normais, como tantos outros pais não conseguimos ter o tempo desejado, aí a televisão influencia a nossa relação porque existem momentos em que a Matilde não nos dá tanta atenção. Depois*

*influência porque a televisão nos prende de tal forma que nos condiciona a fazermos outras coisas em família que proporcionem mais interação e comunicação entre nós”. A filha de seis anos, de forma pensativa conseguiu dar a sua opinião “Influencia porque eu vejo muita televisão e muitas vezes a minha mãe chama por mim para outras coisas e eu prefiro ficar a ver o Panda ou o Disney Chanel...mas eu gosto mais da minha mãe do que da televisão”.*

A *Família 6* teme que com o passar dos anos o filho de 14 anos fique ainda mais individualista face à atividade televisiva, sendo essa de momento a maior influência que a televisão provoca no seio familiar “*Acaba por influenciar um bocado porque o nosso filho está muito isolado a ver televisão e acabamos por estar cada um no seu espaço. E começo a temer que consoante ele cresça que cada vez mais seja pior e que se isole mais. Por isso é que não tem televisão no quarto apesar de estar sempre a insistir nisso*”. O filho confirma as palavras dos pais, tendo já a plena consciência de que a televisão o afasta de estar junto dos pais “*Influencia porque eu tenho a minha forma de ver televisão, porque se não fosse o tempo em que eu passo sozinho junto à televisão não tinha qualquer má influência. Eu sei que quando estou tão ligado à televisão acaba por ser mau porque não estou com os meus pais a fazer outras coisas*”.

Na *Família 7*, apesar de considerar ter uma boa relação com a televisão, admite que nem sempre “*A televisão acaba por ter uma influência bastante significativa na nossa família. Consideramos ter uma boa relação com ela mas nem sempre a sua influência se torna num trunfo para a nossa dinâmica familiar. O facto de a nossa filha ver muita televisão e sozinha muda logo todo o cenário de quando falamos da televisão, esse é o ponto menos bom que a televisão tem connosco. Acomodamo-nos a ver televisão e cada um a seu jeito e nesse sentido a comunicação fica limitada ou então quando qualquer um de nós está a ver demasiado tempo televisão sozinho condiciona a nossa comunicação. Mas essa influência que consideramos que seja menos boa é ultrapassada quando é a televisão que nos une ao ecrã e que nos move a ter conversas distintas e a partilhar as nossas opiniões porque muitas das vezes se não fosse a televisão isso não existia com tanta frequência*”. A filha justifica o isolamento televisivo pela necessidade de espaço: “*Influencia no ponto em que por passar tanto tempo sozinho a ver televisão faz com que não esteja tanto tempo com os meus pais na sala a conviver, mas isso não é mesmo por mal. Acho que o mesmo acontece com as*

*minhas amigas, pelas conversas que temos sobre isso. Estamos naquela idade em que queremos mesmo ter o nosso espaço.*

O mesmo acontece na *Família 8*, “*Acaba por influenciar um bocado porque a nossa filha está muito isolada a ver televisão e acabamos por estar cada um no seu espaço, existindo pouca partilha de opiniões*”. Na ótica desta questão, a filha impõe aqui uma diferente justificativa para o excesso de consumo televisivo sozinha, uma vez que diz ser essencial ver os programas que todos veem na escola para se sentir integrada “*A televisão influencia pois passo muito tempo sozinha, mas não conseguiria viver sem uma... mesmo na escola se não acompanharmos a televisão, aqueles programas que toda a gente vê, estou deslocada porque não consigo interagir com as minhas amigas e assim. Por esse motivo é que também vejo tanta televisão sozinha no quarto. Até porque os meus pais nunca se iriam interessar pelos programas que acompanho*”.

Por fim, na *Família 9* em que o filho é pequeno, repete-se o cenário das restantes famílias no mesmo contexto, em que existe uma medição dos pais face à televisão e um crescimento coletivo do consumo televisivo, logo a influência da televisão mostra-se como uma aliada à comunicação “*Costumo dizer que a televisão é uma amiga cá em casa, por vezes provoca alguns “amuos” mas se soubermos lidar com a situação e se existir alguma disciplina, a influencia só pode ser positiva principalmente para a comunicação entre nós e o nosso pequeno que está a crescer e começa a perceber melhor as coisas*”. O menino de oito anos responde como gente crescida “*Influência porque passamos tempo com ela, acabamos por ter uma relação com ela mesmo que ela não seja uma pessoa... se fizer o que os meus pais me dizem só tenho a ganhar com a televisão... são muitas as casas que me divirto a conversar a ver televisão*”.

Uma vez questionados os nossos entrevistados sobre a influencia da televisão no quadro familiar, e sobre o mesmo foco de análise, quisemos saber se a televisão provocava interrupção na interação familiar ou se, por outro lado, impulsionava o agregado familiar à iniciação de conversação de determinado tema ou acontecimento. Todas as famílias sem exceção testemunharam de semelhante forma ambas as questões. A televisão posiciona-se como polissémica, ora é causadora da interrupção de inúmeros diálogos e conversas familiares, ora, é ela que por vezes indeterminadas faz com que haja conversa e debate no seio familiar.

Tomando algumas afirmações relativas à questão da interrupção da televisão:

*“Ui são tantas as vezes que isso acontece, principalmente nas horas das refeições, momento em que estamos a acompanhar o telejornal, ora um diz: “falem mais baixo”, ou então deixa-se de prestar atenção para ouvir o que está a passar na televisão”; afirma o Pai, Família 1*

*“Tantas vezes isso acontece. Podemos até estar a conversar nas horas das refeições com a televisão ligada, mesmo não estando a prestar atenção. Se na televisão dizem algo que nos prenda, deixamos a conversa e prestamos atenção ao que estão a dizer. Eu acho que são comportamentos automáticos, acho normal”. Filho, Família 2*

*“Sim, principalmente quando está a dar futebol, o meu marido diz para fazermos pouco barulho ou ate mesmo para nos calar... ou então quando esta a dar algo mesmo importante do meu interesse, do interesse do meu marido ou do meu filho, temos por hábito mesmo que estejamos a conversar de alguma coisa que não tenha nada a ver com o que está a dar na televisão dizer: Olhem olhem vejam aquilo! Ora, ficamos fascinados com aquilo ou não, e deixamos a conversa que estamos a ter e por vezes nem a retomamos de novo”. Mãe, Família 3*

*“(risos) Tantas vezes isso acontece então na hora do telejornal é quase regra, é normal estarmos a falar de coisas do nosso dia e depois dá determinada notícia e algum de nós chama a atenção e então aí deixamos de conversar e passamos a dar atenção à televisão”. Pai, Família 6*

*“ Dezenas de vezes isso acontece, a televisão tem uma posição muito forte em qualquer lado, até nos cafés, com muita gente e barulho e mesmo até quando não se consegue ouvir o que se está a dizer na televisão ela consegue interromper a interação por isso cá em casa isso não é diferente”. Mãe, Família 7*

Vejam agora alguns exemplos que demonstram a outra face da televisão, como impulsionadora à comunicação entre o agregado familiar:

*“Sim, desenvolvemos muitos assuntos que se não fosse a televisão não o fazíamos desde determinados assuntos da própria vida, à tão falada crise, a personalidades e culturas diferentes e nos fazem debater chegar a consensos ou não, e assim definirmos as nossas opiniões em família”. Pai, Família 3*

*“Sim falamos de muitas coisas por causa do que estamos a ver na televisão, é um hábito falarmos do que acontece todos os dias na atualidade com o telejornal”.*

*Filho, Família 4*

*“Sim sem dúvida, da mesma forma que interrompe, também impulsiona à conversa, é uma forma de lançar temas e de debatermos claro que a nossa filha como é pequena estamos condicionados por o que lhe interessa e que seja apropriado à idade dela, mas mesmo eu com a minha esposa falamos essencialmente de assuntos da atualidade devido à televisão caso contrario muito provavelmente não o fazíamos”.*

*Mãe, Família 5*

*“Muitas vezes estamos a ouvir e depois começamos a conversar sobre aquilo que está a passar no telejornal, principalmente eu, porque existem temas e assuntos que não sou tão entendida então a televisão fala sobre eles e depois eu questiono os meus pais sobre aquilo que menos entendi e dessa forma consigo formar opinião e perceber mais de determinados assuntos que até ao momento não sabia falar sobre eles”. Filha, Família 8*

*“Sim, eu faço sempre muitas perguntas aos meus pais e eles a mim, quando estamos a ver televisão e depois falamos sobre isso”. Filho, Família 9*

Uma questão interrogava os nossos entrevistados quanto aos géneros de programas que os casais tinham por hábito ver com os filhos e os que mais viam de forma individual. Neste sentido obtivemos respostas dos programas que mais juntavam a família ao serão e aqueles que mais os afastavam, proporcionando assim uma atividade televisiva individual aos diferentes elementos do agregado familiar.

Na questão que analisamos presentemente, e tendo igualmente em consideração a programação televisiva, temos agora como objetivo perceber quais os programas que provocam a fluida comunicação do agregado e, por outro lado, os que provocam a falta de conversa. Uma vez que os programas que podem juntar os pais com os filhos ao ecrã podem não ser os mesmos que façam com que os diferentes elementos do agregado familiar consigam comunicar mais facilmente, tal como viemos a verificar.

Todas as famílias foram unânimes quanto à importância dos programas informativos, designadamente do telejornal, como o programa televisivo que inevitavelmente desafia ao diálogo entre o agregado familiar. Em muitos casos não é

com o telejornal que a família se senta ao serão, mas o facto de este ser transmitido nas horas das refeições faz com que seja presença assídua nas rotinas destas famílias que dialogam assim sobre a atualidade do país e do mundo, trocando ideias e formando opiniões em família. Adotando o telejornal um papel crucial na comunicação familiar motivada pela televisão.

Da mesma forma que existem programas que impulsionam à comunicação existem de igual modo os outros que não assumem essa faceta, como é o caso da ficção e filmes. Posto isto, não quer dizer que não exista comunicação na visualização deste tipo de programas em família, mas essa comunicação é dada de outra forma, uma comunicação não tão imediata quanto a visualização do telejornal, em que os acontecimentos e as notícias vão sendo relatadas e surgem reações imediatas, ao que está a ser transmitido. Na ficção, as reações, segundo o que as famílias em estudo relataram, são feitas ao terminar de cada episódio ou no final de um filme.

Já no enquadramento teórico do nosso estudo entendemos através de diferentes referências bibliográficas que a televisão assume-me tanto como negativa ou positiva, quanto à sua influência na comunicação interpessoal familiar.

Se por um lado, pode ser uma fiel aliada a proporcionar boas conversas, desenvolvimento cognitivo em família e interação, por outro, consegue ser motivo de determinadas divergências, desunião, individualização e diminuição da interação e de diálogo familiar, tal como verificamos nos diferentes e seguintes testemunhos dos nossos entrevistados.

*“Na globalidade influencia de forma positiva, o tempo que passamos juntos a ver televisão enriquece o nosso diálogo. Muitas das vezes se não fosse a televisão existiriam momentos em que não havia conversa. O que era de uma família sem televisão? A televisão ensina-nos determinadas coisas”. Mãe, Família 1*

*“Depende de como as famílias usam a televisão, cá em casa acho que na maioria influência positivamente, o que talvez seja negativo é ver tanta televisão sozinhos mas isso tem a ver com o número de televisões que temos e não com a própria televisão em si”. Filha, Família 1*

*“Tem um peso mais negativo, seguramente se o meu filho não passasse tanto tempo a ver televisão poderíamos fazer outras coisas e assim conversar mais, porque*

*em todo o caso a televisão na sua maioria, na nossa atividade televisiva em família individualiza-nos mais do que aquilo que nos une, proporciona a diminuição da conversa e também da nossa interação” Mãe, Família 2*

*“Tem um bocadinho dos dois. Talvez cá em casa seja mais negativo pelo facto de eu ver tanta televisão sozinho... mas a culpa não é da televisão. É a minha forma de estar e de ver televisão que condiciona em parte a comunicação cá em casa, porque nos momentos em que vemos televisão juntos a televisão é como se fosse outro membro da família que nos alia à conversa”. Filho, Família 2*

*“Acho que tem um bocado dos dois, se não for em excesso é completamente positivo, depende muito da forma como lidamos com a televisão, é importante em família criar regras em casa, a televisão tem de fazer parte desse planeamento familiar, impor um limite e escolher os programas em conjunto. Cá em casa torna-se positivo porque desde sempre temos essa estrutura que suporta e no fundo encaminha a nossa postura e hábitos face à televisão” Mãe, Família 3*

*“Tenho muitos amigos que têm problemas com a televisão e os pais, mas eu não. Como falamos e vemos televisão juntos isso só nos ajuda a conversar, assim temos uma relação positiva” Filho, Família 3*

*“Influência negativamente se deixarmos isso acontecer, porque a televisão pode ser uma boa e fiel aliada à comunicação familiar, se criarmos regras e se partir de nós a vontade de não nos individualizarmos tanto a ver televisão” Pai, Família 4*

*“Depende. No meu caso pessoal tem mesmo um pouco dos dois... de forma positiva porque aprendo com os meus pais por causa da televisão que vai “lançando” temas de conversa e temos outra abertura uns com os outros, é verdade porque existem temas mais tabus e com a abordagem na televisão as coisas ficam mais fáceis de serem faladas. Depois, tem a parte mais negativa porque me isolo muito a ver televisão e existem momentos em que não estou com os meus pais por causa disso”. Filha, Família 4*

*“Cá em casa na globalidade influencia-nos de forma positiva, temos de ter em conta a forma como lidamos com a televisão, com o tempo que passamos com “ela” e ter atenção que ela não ocupe e se torna quase como que outro membro de família. Temos atenção a isso, por isso a televisão só tem como nos influenciar de forma*

*positiva, tirando as vezes em que a nossa filha, como já tinha referido a quer mais do que o pai ou mãe, mas achamos que seja normal e não alarmante”. Mãe, Família 5*

*“Acho que de forma positiva, eu faço sempre os trabalhos de casa e depois é que vejo televisão”. Filha, Família 5*

*“Tem um bocadinho das duas, porque tanto conseguimos nos divertir juntos a ver televisão, principalmente quando estamos a ver os jogos de futebol, como de outra forma consegue fazer como já disse anteriormente em relação ao nosso filho, fazer com que ele esteja muito no seu canto o que faz com que não haja tanto convívio entre nós”. Mãe, Família 6*

*“No geral cá em casa tem mais um impacto positivo do que negativo, apesar de eu estar muito tempo com a televisão são poucas as vezes em que os meus pais se chateiam comigo por causa disso, então acho que seja mais positivo do que negativo. Falamos com a televisão e isso é o mais importante”. Filho, Família 6*

*“Acho que tem as duas vertentes, se por um lado pode ser aliada à comunicação familiar, por outro pode condicionar a comunicação entre o agregado familiar. Cá em casa são mais as vezes em que a televisão ajuda-nos a comunicar, do que aquelas em que assume um papel adversário nesse ponto de vista. Por isso é uma mais-valia à comunicação”. Mãe, Família 7*

*“Tem sempre um bocado dos dois, negativo porque eu passo muito tempo sozinha com a televisão. Positivo porque quando estamos juntos a ver televisão nos divertimos imenso e conseguimos conversar imenso sobre indeterminadas coisas”. Filha, Família 7*

*“Tem o lado positivo e o negativo. O positivo pois faz com que a nossa família interaja e negativo pois faz com que não haja tanto convívio entre nós, principalmente com a nossa filha porque ela o tempo que passa com a televisão é quase todo sozinha, condiciona muito o nosso convívio e comunicação”. Pai, Família 8*

*“No geral cá em casa tem mais um impacto positivo do que negativo, apesar de ter consciência que passamos muito tempo um para cada lado. Compensamos com os momentos em que estamos juntos a ver televisão, como temos tão boa atividade televisiva juntos, o menos bom não consegue sobressair com o positivo”. Filha, Família*

8

*“Tendo em conta a relação que temos com a televisão acaba sem dúvida por ser uma mais-valia nesse sentido da comunicação entre nós e não só. Conseguimos que a televisão nunca se sobreponha perante nós “pessoas” e espero que assim continue, apesar de ouvir muitas vezes casais amigos e família dizer que conforme os filhos crescem essa relação positiva vai mudando”. Mãe, Família 9*

*“Eu acho que na nossa família tem mais de positivo do que negativo. Eu não passo muito tempo sozinho a ver televisão e os meus pais estão sempre atentos por isso só tem pontos positivos cá em casa e mesmo com a televisão conseguimos falar muito uns com os outros”. Filho, Família 9*

Entender se o debate marca presença após os programas que a família vê em conjunto foi a penúltima questão feita aos nossos entrevistados. Todos os testemunhos recolhidos informaram-nos que de alguma forma existe sempre debate, mesmo que não vejam os programas juntos, em alguns dos testemunhos recolhidos, conseguem de igual modo debater sobre os mesmos. Nos casos em que as famílias pronunciam não o fazer com a assiduidade a considerável, de imediato tomam a posição de autocritica, dizendo que deveriam fazê-lo com mais frequência. Na envolvência desta questão, a televisão foi enaltecida, uma vez mais, como tendo o honroso papel de fazer com que o diálogo em família se proporcionasse.

*“Sim debatemos no decorrer do que estamos a ver e se nos interessar e captar a nossa atenção. E depois dos programas também é um hábito mesmo”. Mãe, Família 1*

*“Sim, debatemos. Esse é o ponto mais favorável da televisão (Mãe) é um instrumento pedagógico com o nosso filho que esta numa fase de crescimento, de curiosidade e de muitas perguntas e a televisão acaba por ser uma aliada, que nos faz desenvolver em família conversas e determinadas aprendizagens”. Pai, Família 3*

*“Eu e a minha esposa debatemos imenso sobre o que vemos juntos, a nossa filha ainda não interage muito nesse sentido”. Pai, Família 5*

*“Isso sim, desde sempre que o fazemos. Tudo o que vemos juntos, temos por hábito conversar sobre aquilo que vemos, mas claro que tem de ser algo do interesse de todos para que possa haver conversa e debate entre nós os três”. Pai, Família 6*

*“Sim, e independentemente de não vermos muita televisão juntos, principalmente com a nossa filha isso não impede de debatermos os mesmos programas*

*que vemos de forma separada, conversamos e debatemos muito com o que vemos na televisão”. Mãe, Família 7*

*“Temos por hábito conversar sobre aquilo que vemos, geralmente notícias”. Pai, Família 8*

*“Eu e o meu marido debatemos muito sobre tudo aquilo que vemos é uma forma de estarmos sempre a par de tudo o que é atualidade e não só. Com o nosso pequeno vamos debatendo aquilo que ele nos vai perguntando e alguns assuntos que a televisão retracta que seja para a idade dele”. Mãe, Família 9*

*“Não é feito com frequência, confesso que o deveríamos fazer mais vezes. Mas sempre que possível fazemo-lo, mas como o consumo televisivo em conjunto é reduzido condiciona esses debates” Pai, Família 2*

*“Até que devíamos debater mais, mas sim debatemos sobre o que vemos sempre que isso seja possível. É uma forma de comunicarmos e de trocarmos ideias o que se trona essencial para nos compreendermos uns aos outros, quando se trata de temáticas mais controversas, até porque nem sempre estamos em consenso”. Mãe, Família 4*

#### **2.5.4 – O Custo da Televisão**

Assistimos nos dias de hoje ao posicionamento cada vez mais feroz dos canais de cabo, que tomam a preferência de inúmeros espectadores, o que faz com que o mercado se revolucione no que diz respeito aos contractos que agora a maioria dos portugueses assumem como mais uma despesa mensal, para conseguirem aceder a esses diversificados canais pagos, não se contentando apenas com os ditos generalistas. A última questão direccionou-se nesse sentido, se o custo da televisão seria dinheiro bem empregue.

Na *Família 1*, não há qualquer dúvida quanto a essa questão *“Sem dúvida que sim, aliás eu passo muito mais tempo na televisão desde que tenho os canais de cabo”*. *Pai, Família 1*, bem como para a *Família 4* que sublinham o mesmo *“Seria melhor que não tivéssemos de despender esse dinheiro, mas tendo em conta toda a oferta televisiva e toda a interação que o mercado possibilita ao espectador com a televisão, claro que sim”*. *Pai, Família 4*.

A Família 6 e 7 acompanham da mesma opinião *“Se conseguíssemos estar sem os canais de cabo seria ótimo seria menos uma despesa mensal. Mas como não é isso que acontece, é dinheiro bem empregue pelo nosso modo de ver televisão”* Pai, Família 6.

*“Pela diversidade de oferta na programação e qualidade do serviço sem dúvida alguma que é dinheiro bem empregue”* Pai, Família 7.

A Família 8 justifica a despesa dessa mensalidade pela débil programação dos canais generalistas *“A despesa mensal nos canais por cabo seria algo a retirar devido a não passarmos muito tempo em casa, mas nos 4 canais dão sempre a mesma coisa”* Pai, Família 8

Na Família 5, a televisão por cabo é uma mais-valia essencialmente para a filha de 6 anos *“Na minha opinião sim (Pai) na minha também (Mãe), a programação que a nossa filha vê na televisão é tudo canais de cabo por isso é com certeza dinheiro bem empregue”* Casal, Família 5. À semelhança do exemplo anterior a Família 9, mas neste caso se não fosse pelo filho não tinham essa despesa *“Atendendo que o nosso filho vê muitos canais de desenhos animados acaba por ser dinheiro bem empregue caso contrário não tínhamos canais de cabo, porque a despesa mensal ainda é considerável”* Pai, Família 9.

Por sua vez, nas Famílias 2 e 3 parece não existir consenso entre o casal quanto a esta questão. Curiosamente nas duas situações são as mães que exteriorizam o facto de não acharem o custo da televisão bem empregue, já os pais das respetivas famílias veem o custo da televisão como uma mensalidade bem empregue pois esta proporciona-lhes o bem-estar e o acesso a uma diversidade de canais.

*“Na minha opinião acaba por não ser, se para alguns acaba pode ser uma mais-valia, já eu considero que o valor da mensalidade (que não é nada barato, bem pelo contrário) poderia ser empregue para fazer outras coisas em família, em atividades distintas de uma forma a fomentar a relação familiar, aproximando-nos mais”.* Mãe, Família 2

*“Sou suspeito, tendo em conta o meu gosto pelo desporto, claro que é dinheiro bem empregue. Aliás não conseguiria estar apenas com os canais generalistas em casa, uma vez que o que vejo acaba por na sua maioria ser nos canais desportivos, portanto ter um serviço por cabo em casa e pagar uma mensalidade, é pagar a fatura de algo*

*que me faz feliz e me preenche porque me conduz a todo o mundo do desporto em todos os cantos do mundo”. Pai, Família 2*

*“Para mim não, ate porque me chegavam os canais generalistas de acordo com o que costumo ver na televisão”. Mãe, Família 3 “Já para mim não conseguiria passar sem uma oferta televisiva maior e mais diversificada, portanto o que pagamos ao final do mês proporciona-me bem-estar pelo gosto que tenho de ver televisão”. Pai, Família 3*

## **2.6 – Considerações finais da análise dos dados**

Após uma intensa análise dos dados obtidos pelas entrevistas feitas aos nossos entrevistados, apresentamos de seguida as principais ilações retiradas após a interpretação da informação conseguida pelo nosso *corpus* em estudo.

- A presença da televisão como aparelho físico apresentou diferentes regularidades nas famílias em estudo, sendo que o número de aparelhos de televisão assumiu variações entre os 2, 3 e os 4 aparelhos. Sendo deste modo compreensível que nos casos em que as famílias assumiram ter três ou quatro aparelhos de televisão, exista pelo menos uma televisão para cada elemento do agregado familiar, uma vez que das nove famílias em foco todas elas são compostas por três elementos;

- Em todas as famílias foi registado que existia pelo menos um membro do agregado familiar que utilizava mais este ou aquele aparelho televisivo;

- Relativamente à distribuição da televisão pelos diferentes espaços da casa, a sala de estar foi eleita como o espaço por excelência para a presença da mesma e para o consumo televisivo de forma coletiva, por outro lado o consumo mais individual da televisão é feito nos respetivos quartos dos elementos do núcleo familiar;

- Nas famílias em que o filho(a) assume ter televisão no quarto verificou-se um uso quase em exclusivo desse aparelho de televisão. Uma vez que na esmagadora maioria do tempo veem televisão sozinhos, quebrando qualquer tipo de comunicação com o restante agregado familiar;

- Contrariamente, os filhos dos entrevistados que não registam televisão no quarto, não só veem mais televisão em família, bem como o fluxo de comunicação entre eles e os pais é igualmente acrescido;

- A importância da televisão foi dada de forma diferente pela diversidade das dinâmicas familiares que as famílias descrevem, mas é irreversível o facto de em todas elas existir uma importância enraizada do aparelho televisivo no seio familiar;

- Detetámos ao longo da análise dos dados a existência de consumo televisivo individual em todas as famílias;

- A frequência da atividade televisiva oscilou entre os 45 minutos (um caso) e as cinco horas diárias. Mas foram as três horas de consumo diário, o número que mais vezes foi registado;

- Em todas as famílias em estudo são os filhos os que mais tempo passam a ver televisão, com a exceção do pai da *Família 9*;

- Compreendemos com os valores anotados que os homens quem mais tempo passam a ver televisão. Com a exceção da *Família 1* em que é a mulher quem vê mais televisão em relação ao marido;

- Todos os entrevistados entre pais e filhos assumiram que não conseguiam passar sem televisão, adjetivando de diversas formas o que a televisão significa para eles. Anotamos uma única exceção (*Mãe, Família 3*) que assumiu prontamente que conseguiria passar sem televisão;

- Verificamos nas famílias em que as idades dos filhos são entre os seis e os dez anos de idade, que os pais acompanham os filhos na atividade televisiva mediando assim os que eles veem na televisão, sendo que na sua maioria a atividade televisiva desenvolve-se em família face à individual.

- Por outro lado, verifica-se, que nas restantes famílias em estudo, uma vez que os filhos apresentam idades entre os 16 e os 18 anos de idade, a atividade televisiva em conjunto é quase nula, reduzindo-se quase às horas das refeições em que o aparelho televisivo está ligado, que estas famílias conseguem ver televisão juntos. A comunicação mostra-se afetada no sentido em que o consumo televisivo realiza-se maioritariamente de forma individual, mais excessivamente pelos filhos, do que pelo casal entre si.

- O telejornal assume um papel de polivalência importantíssimo para o desenvolvimento do fluxo comunicativo familiar, de aprendizagem e debate. Sendo sem dúvida uma mais-valia para o núcleo familiar.

- Entendemos que a televisão influencia diretamente e de forma negativa a comunicação familiar quando existem episódios regulares, no agregado familiar de diferentes elementos a ver o mesmo programa de televisão em distintas divisões da casa;

- A televisão marca influência em todas as famílias, na sua maioria são descritos e retratados episódios semelhantes;

- Se, por um lado a televisão impulsiona à comunicação familiar, por outro consegue interromper as interações familiares;

- O impacto da televisão assume na maioria das famílias os dois pólos de atracção quer o negativo como o positivo. Cabe ao agregado familiar ditar as regras face à presença da televisão se pretende que a televisão unifique o grupo doméstico e aumente a comunicação e a interacção entre os seus membros. Nos momentos em que as regras são quebradas a televisão passa a ter o papel de desunião e motivadora do individualismo familiar condenando assim a comunicação;

- O custo da televisão é dado como dinheiro bem empregue, pelo gosto de ver televisão e pela diversidade de programação.

## CONCLUSÃO

Como viemos a reconhecer ao longo do estudo e tal como defende Manuel Pinto (2004), a televisão tornou-se, ao longo dos anos, no ponto mais atrativo e de interesse na casa das pessoas. Este importante posicionamento da televisão no seio da família motiva os diferentes membros do agregado familiar a se envolver mais ou menos com a sua presença, tornando deste modo a comunicação interpessoal familiar enfraquecida ou estimulada, dependendo dos casos e da valorização que cada um lhe reconhece.

A relação entre a televisão e a família tem sido analisada e estudada, desde há muitos anos, por vários investigadores, tendo verificado que a televisão, em geral, e o visionamento televisivo de certos programas, em particular, pode contribuir para o aumento das interações familiares positivas, nomeadamente de diálogo familiar. Sendo certo que o seguimento de alguns programas, em especial durante as refeições, pode ser utilizado como biombo que impede a conversa, a verdade é que são também frequentes as situações em que esses programas motivam e alimentam interações que de outro modo poderiam não ocorrer (Pinto, 2002). Por outro lado, a televisão também consegue comprometer o diálogo e diferentes interações familiares. Pereira (1998) afirma que, muitas vezes, o consumo de TV é uma forma de evasão, que por vezes impõe o silêncio, gera conflitos e cria ocasiões de reivindicação. Tal como o que nos foi dado junto dos entrevistados que compuseram o nosso estudo empírico.

É certo que a televisão está intimamente ligada à família, existindo um forte vínculo com a estrutura e dinâmica familiares que mais não seja como um fator de estruturação do tempo e até dos espaços familiares.

Tomamos como nota conclusiva que o impacto da televisão desenvolve na maioria das famílias os dois polos de atração, quer o negativo como o positivo. Sendo da responsabilidade do agregado familiar ditar as regras face à presença da televisão, quando se pretende que a televisão unifique o grupo doméstico e aumente a comunicação e a interação entre os seus membros. Nos momentos em que as regras são quebradas, a televisão deixa de ser uma aliada face ao núcleo familiar e passa a ter o papel de desunião e motivadora do individualismo familiar condenando assim a comunicação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Breton, P. & Proulx, S., (1997). *A explosão da comunicação*. Lisboa. Editorial Bizâncio

Borelli, V (2005). “*É impossível não comunicar*”: reflexões sobre os fundamentos de uma nova comunicação”. *Diálogo Possíveis*, Faculdade Social da Bahia. Ano 4. N.º 2. pp. 71-84.

Borsa,J,C., (2007). *O papel da escola no processo de socialização infantil*. Rio Grande do Sul, Brasil. Retirado através de [www.psicologia.com.pt](http://www.psicologia.com.pt) em 14 de maio de 2013.

Chaves, M., (2001). *Aprender com a Televisão*. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho

Correia, F., (2000). *Jornalismo e Sociedade*. Lisboa. Edições Avante.

Estanqueiro, A. (2005). *Saber lidar com as pessoas: princípios da comunicação interpessoal*. Editorial: Presença. Lisboa

Kohlsdorf, N., (2002). *Televisão: A Socialização na Sociedade de Consumo*. Dissertação para obter o grau de Mestrado da Universidade de Brasília. Brasil.

Leandro, M., (2001). *Sociologia Da Família Nas Sociedades Contemporâneas*. Lisboa. Universidade Aberta

Pereira, S., (1997) *Crianças e Televisão: Uma relação de Influências*. Cadernos de Educação de Infância, 44. Braga.

Pereira, S. J. G., (1998) “*A televisão na família: processos de mediação com crianças em idade pré-escolar*”. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho. ISBN 972-97323-6-1

Pinto, M., (2000). *A Televisão No Quotidiano Das Crianças*. Porto. Edições Afrontamento

Pinto, M., (2002). *Televisão, Família e Escola*. Lisboa. Editorial Presença

Pinto, M., (2004) “A televisão e a família: cruzamento de dois campos movediços” In Revista *COMUNICAR*, nº 24, Revista Científica Iberoamericana de Comunicación y Educación . Huelva: Grupo Comunicar, España.

Santos, M.L.L., (1969). *Família e "Socialização": um Aspecto da Evolução Social Contemporânea*. Análise Social Vol. VII.

Sousa, J. & Russi, P., (2012). *100 Anos de McLuhan*. Brasília. Casa das Musas

Subtil, F., (2006). *Compreender os Media – As extensões de Marshall McLuhan*. Coimbra. Editorial MinervaCoimbra

Vidigueira, V., (2006). *A Influência da Televisão no Desenvolvimento Sócio-Emocional dos Adolescentes*. Algarve: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

# **Anexos**

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Entrevista Nº \_\_\_\_\_

## **Guião da Entrevista**

**Introdução** - Apresento-me e dou espaço aos entrevistados para se sentirem à vontade, tempo para uma relação menos formal.

### **Apresentação do estudo, do que se trata, para que efeito...**

As questões que se seguem visam perceberem e compreender, a relação do agregado familiar com a televisão. De que forma o aparelho televisivo se torna capaz de motivar a comunicação ou se, pelo contrário, impulsiona o silêncio, reduzindo a interação familiar, fomentando assim a individualização no seio do grupo doméstico. Como tal, segue-se uma série de questões/ afirmações.

As suas respostas são anónimas e os dados recolhidos servirão unicamente para este estudo, intitulado “ **O efeito da Televisão na Comunicação Interpessoal Familiar**”, contextualizado em tese de mestrado em Sociologia, na Universidade do Minho.

### **A. Dados de identificação pessoal – Dados sociodemográficos**

1. Nº do agregado familiar
  2. Constituição do agregado familiar
  3. Nível de Instrução Licenciatura dos dois
  4. Profissão Assistente Social, Professor Universitário
  5. Condição Social
- Média ...
- Baixa

### **B. Recolha de dados – O efeito da televisão na comunicação interpessoal familiar**

### **Eixo Temático 1:**

**Usos da televisão na família** (frequência da atividade de ver televisão e duração média do consumo; quem passa mais tempo e quem passa menos)

1. Quantos aparelhos televisivos têm em casa?
2. Quais as divisões da casa que têm televisão? Há televisores que sejam mais utilizados por este ou aquele membro da família?
3. Conseguiriam estar sem televisão? Em casa, quem é que passa mais tempo na televisão? E quem passa menos?
4. Acontece deixarem a televisão ligada por muito tempo, sem ninguém a assistir?
5. Quanto tempo passam a ver TV por dia? Qual o dia da semana que mais veem televisão?

### **Eixo Temático 2:**

**Televisão e Interação familiar** (como veem TV – se o fazem individualmente ou em conjunto, se em silêncio ou se falam acerca do que estão a ver; se isso acontece mais frequentemente em relação a algum programa específico, influencia da televisão na relação familiar, efeito da televisão na **comunicação** familiar)

6. Costumam ver televisão com os filhos? Que género de programas costumam ver juntos? Que género de programas costumam ver individualmente?
7. Acontece estarem em divisões da casa distintas a verem o mesmo programa de televisão?
8. Até que ponto a televisão influencia a relação familiar? Como?
9. Já experienciaram situações em que o que estava a ser transmitido na televisão provocasse a interrupção da vossa interação familiar?
10. A televisão, por algum momento já impulsionou ao agregado familiar, a iniciação de conversação de determinado tema ou acontecimento?

11. Quais os programas televisivos que mais proporcionam a comunicação entre o agregado familiar e aqueles que de certa forma provocam a falta de conversa?
12. Consideram que a televisão é um meio que influencia negativamente ou de forma positiva a comunicação familiar?
13. É habitual debaterem sobre os programas vistos?
14. O custo da televisão é dinheiro bem empregue?

## **Questões direcionadas às crianças**

### **Eixo Temático 1:**

#### **Usos da televisão na família**

1. Conseguias estar sem televisão?
2. Quanto tempo passas por dia a ver TV? Tens algum dia da semana em que estejas mais tempo do que os outros a ver televisão?
3. Costumas ver televisão sozinho ou acompanhado? Como gostas mais de ver televisão?
4. Acontece estares em divisões da casa distintas (por exemplo: tu no quarto e os teus pais na sala) a verem o mesmo programa de televisão?

### **Eixo Temático 2:**

#### **Televisão e Interação familiar**

5. Até que ponto a televisão influencia a relação familiar? Como?
6. Já experienciaste situações em que o que estava a ser transmitido na televisão provocasse a interrupção da vossa interação familiar?
7. A televisão, por algum momento já impulsionou ao agregado familiar, a iniciação de conversação de determinado tema ou acontecimento?
8. Consideram que a televisão é um meio que influencia negativamente ou de forma positiva a comunicação familiar?

**Encerramento:** Assim chegamos ao fim da nossa entrevista, de tudo o que já foi dito no decorrer desta agradável conversa querem acrescentar mais alguma ideia que ainda não tinha sido abordada?

## **Agradecimento**

## **ENTREVISTA 1**

### **ENTREVISTA AO CASAL**

Temos quatro televisões.

No nosso quarto (casal), no da nossa filha, na sala de estar que é em conjunto com a sala de jantar e na cozinha. A minha filha usa quase em exclusivo a televisão do seu quarto, e a da sala é mais usada por mim e pelo meu marido, mas na sua maioria em horários diferentes.

Ambos respondem que não conseguiriam estar sem televisão. Depende, existem dias que passo muito tempo outros dias pouco (Pai). Relativamente ao tempo de consumo a mãe evidencia que quem passa mais tempo a ver televisão é a filha e o pai quem passa menos.

Acontece por diversas vezes, é uma forma de companhia mesmo que não estejamos a ver televisão, estar a cozinhar e a ouvir a televisão, ou então noutras tarefas mesmo que não se preste sentido ao que está a dar na televisão, transmite de igual forma... como se de um som ambiente se tratasse e estive de estar ligado. Até porque quando se chega a casa a primeira coisa que se faz é ligar a televisão, mesmo que não tínhamos tempo de nos dedicar e sentar e ver televisão (Mãe)

Pai, 2 horas por dia. Não tendo nenhum dia específico em que vê mais televisão. Mãe, 3 horas por dia sendo nitidamente ao domingo o dia que o consumo televisivo aumenta para o dobro dos restantes dias da semana. Ao Domingo acordo vejo a eucaristia, durante a tarde vejo televisão e à noite garantidamente estou no sofá a ver os programas de domingo à noite.

Raramente vê-mos televisão com a nossa filha. Temos quatro televisões em espaços distintos, gostos de programação diferentes, o que faz com que cada um esteja no seu espaço a ver o que bem entende... O programa que costumamos ver juntos é o telejornal, sendo que à hora das refeições mantemos sempre a televisão ligada, é uma forma de conversarmos sobre o que se passa no país e cada um dá a sua opinião. O que realmente nos individualiza mais é o gosto do meu marido pelos programas de desporto

que todos os dias acompanha em diferentes canais, tudo que tenha a ver com modalidades desportivas e principalmente com o futebol ele tem de acompanhar, eu e a nossa filha apesar de gostarmos de futebol não vemos esses programas portanto ele fica sempre a ver os programas desportivos sozinho. Eu e a minha filha no horário da noite gostamos de ver o mesmo, principalmente as telenovelas, mas são raras as vezes que as vemos juntas, eu gosto de estar na sala e ela no quarto dela, assim vejo a mesma coisa, mas em espaços diferentes. Mas acontece, que no próprio dia ou no dia seguinte falamos do que aconteceu no último episódio que vimos. (Mãe)

O desporto na nossa família tem duas valências tanto nos consegue individualizar, como existem momentos que é ele que nos reúne a todos na sala a assistir à televisão, proporcionando um momento de família e de convívio. (Pai)

Sim, todos os dias isso acontece. Não se trata de um gosto de ver televisão de forma individual, simplesmente cada um se acomoda em espaços da casa diferentes. (Mãe)

Consideramos que temos uma boa relação com a televisão enquanto família. “Quantas vezes estamos a falar, dá determinada notícia e nos mandamos calar uns aos outros para a conseguir ouvir”, (Pai) aí a televisão influencia a nossa comunicação de forma negativa, porque não olhamos ao que estamos a conversar no momento para o deixar de fazer e ouvir a televisão”, o que por vezes causa algum desentendimento à mesa porque nem sempre interessa a todos o que está a ser noticiado. (Mãe) Por outro lado influencia positivamente porque é tema de conversa, de estarmos todos juntos dentro da atualidade e conseguimos divertir-nos com determinados programas. (Pai)

Ui são tantas as vezes que isso acontece, principalmente nas horas das refeições, momento em que estamos a acompanhar o telejornal, ora um diz falem mais baixo, ou então deixa-se de prestar atenção para ouvir o que se está a passar na televisão. (Pai)

Sim, quer em notícias, em casos da vida real que passam em determinados programas, fazem com que refletimos e debatemos esse mesmo assunto juntos. Até porque muitas vezes são coisas que se passam com algum de nós ou connosco. (Mãe)

O telejornal porque o vemos religiosamente sempre juntos é o que se destaca a proporcionar conversa entre nós, agora o gosto individualizado de determinados programas é que não proporciona qualquer conversa mesmo. (Pai)

Na globalidade influência de forma positiva, o tempo que passamos juntos a ver televisão enriquece o nosso diálogo. Muitas das vezes se não fosse a televisão existiriam momentos em que não havia conversa. O que era de uma família sem televisão? A televisão ensina-nos determinadas coisas. (Mãe)

Sim debatemos no decorrer do que estamos a ver e se nos interessar e captar a nossa atenção. E depois dos programas também é um hábito mesmo. (Mãe)

Sem dúvida que sim, aliás eu passo muito mais tempo na televisão desde que tenho os canais de cabo. (Pai)

### **FILHO (18 anos)**

Não conseguiria estar sem televisão, eu adoro televisão desde sempre. Costumo dizer que tenho uma relação muito próxima com a televisão.

Cerca de cinco horas diárias, acresce ao fim de semana de acordo com o calendário escolar.

Na maioria costumo ver televisão sozinha, não tenho preferência se estou sozinha ou acompanhada, isso depende muito dos programas que estou a ver, se for entretenimento tem mais piada ver acompanhado para ir falando e dar a opinião do que se está a ver.

Por diversas vezes, somos três cá em casa e temos quatro televisões. Isso acontece mais depois do jantar, eu por exemplo vou para o quarto ver a telenovela e a minha mãe fica na sala a ver a mesma telenovela, são raras as vezes que a vemos juntas.

Influencia sempre porque estando ligada é sempre uma interferência à nossa relação quer de forma positiva como negativa. A televisão aproxima-nos essencialmente quando estamos em dias menos bons, acaba por desbloquear para dar-mos início à conversa sobre o que está a passar na televisão. Por outro lado acontece muitas vezes, eu e a minha mãe querer falar e o meu pai pedir algum silêncio para ouvir televisão.

Sim, muitas vezes. Acho que isso é normal, estamos todos reunidos e algo de importante ou que chame a nossa atenção está a passar na televisão parámos a conversa para ficar atentos à televisão, é algo automático.

(risos) vezes sem conta principalmente em alturas em que eu e a minha mãe, andamos assim amuadas uma com a outra, já aconteceu muitas vezes dar determinada coisa, seja ela de rir ou não e que dessa forma tivéssemos começado a falar por aí, por causa do que passava na televisão.

Depende de como as famílias usam a televisão, cá em casa acho que na maioria influência positivamente, o que talvez seja negativo é ver tanta televisão sozinhos mas isso tem a ver com o número de televisões que temos e não com a própria televisão em si.

## **ENTREVISTA 2**

### **ENTREVISTA AO CASAL**

Temos duas televisões.

Na sala de estar que faz parte do mesmo espaço que a sala de jantar e na cozinha. A televisão da sala é sem dúvida mais utilizado pelo nosso filho já a da cozinha é mais por mim. (Mãe)

Não conseguia estar sem televisão, de maneira alguma (Pai). Eu também não. (Mãe) Cá em casa quem vê mais televisão é nosso filho, já eu (Mãe) sou quem vê menos.

Por vezes acontece deixarmos a televisão ligada, quando ninguém está a ver. Quando me desloco da sala para a cozinha, acaba por ser automático, sinceramente já nem me apercebo disso. (Mãe)

Eu diria cerca de uma hora e meia (Mãe) Eu também cerca desse tempo diário. Já o nosso filho passa cerca de cinco horas diárias. (Pai) O final de semana, e essencialmente o domingo é o dia em que vemos mais televisão, inclusive à noite. (Pai)

Nem por isso, não é hábito vermos televisão com o nosso filho. A nossa dinâmica familiar, infelizmente não está desenvolvida nesse sentido, sou muito autocrítica em relação a isso. (Mãe) Series televisivas, documentários e programas de entretenimento são os géneros de programas televisivos que nos aproximam mais, por norma são esses que fazem com que a televisão possa ser uma atividade de lazer na nossa família. Já a parte informativa, programas como os prós e contras, por exemplo, é algo que nos desune mais enquanto família, uma vez que o nosso filho não carece de nenhum interesse sobre isso. (Pai)

Não. Mas já aconteceu, em tempos... Já tivemos mais televisões do que as que temos agora, mas recentemente a nossa casa sofreu algumas alterações e determinados aparelhos televisivos deixaram de existir, não foi algo propositado mas isso realmente fez com que passássemos a ver mais televisão em família, coisa que ate então era quase inexistente e mesmo assim continuamos a ver mais televisão sozinhos do que em

família. Por isso mesmo é que eu e o meu marido chegamos a um acordo de não acrescentar mais nenhum aparelho televisivo cá em casa, estamos bem assim com duas televisões, uma na sala e outra na cozinha. (Mãe)

A televisão acaba por influenciar a relação familiar, dado que o David (Filho) passa muitas horas a ver televisão, a comunicação fica muito limitada... Ou quando em conjunto procuro algum programa que seja do agrado de ambos, ele não gosta de ser incomodado, mesmo que queira partilhar algo com ele no decorrer do programa que estamos a ver, não consigo ter espaço para o diálogo. (Mãe)

Com certeza que sim, todos os dias isso acontece... A televisão provoca distrações que automaticamente nos interrompe o diálogo.

Da mesma forma que interrompe, também impulsiona à comunicação. É muitas vezes é a televisão que “lança” os temas que conversamos em família.

As telenovelas uma vez que sou a única cá em casa a seguir alguma, não desperta qualquer interesse ao meu filho e ao meu marido, faz com que nos individualize no sentido em que não proporciona qualquer tipo de comunicação entre nós. Já os programas informativos e de entretenimento abrem mais o espaço ao diálogo e à conversa. (Mãe)

Eu e o meu filho temos um interesse comum e hilariante por tudo aquilo que seja desporto, acabamos por passar mais tempo juntos a ver televisão, do que a minha esposa que tem uma preferência mais distinta do seu gosto televisivo, comparado a nós que somos viciados em tudo que seja modalidade desportiva e espaço de debate ao desporto, por isso mesmo proporciona com que veja mais televisão com o nosso filho do que a minha mulher. (Pai)

Tem um peso mais negativo, seguramente se o meu filho não passasse tanto tempo a ver televisão poderíamos fazer outras coisas e assim conversar mais, porque em todo o caso a televisão na sua maioria, na nossa atividade televisiva em família individualiza-nos mais do que aquilo que nos une, proporciona a diminuição da conversa e também da nossa interação. (Mãe)

Não é feito com frequência, confesso que o deveríamos fazer mais vezes. Mas sempre que possível fazemo-lo, mas como o consumo televisivo em conjunto é reduzido condicionada esses debates. (Pai)

Na minha opinião acaba por não ser, se para alguns acaba pode ser uma mais-valia, já em considero que o valor da mensalidade (que não é nada barato, bem pelo contrário) poderia ser empregue para fazer outras coisas em família, em atividades distintas de uma forma a fomentar a relação familiar, aproximando-nos mais. (Mãe)

Sou suspeito, tendo em conta o meu gosto pelo desporto, claro que é dinheiro bem empregue. Aliás não conseguiria estar apenas com os canais generalistas em casa, uma vez que o que vejo acaba por na sua maioria ser nos canais desportivos, portanto ter um serviço por cabo em casa e pagar uma mensalidade, é pagar a fatura de algo que me faz feliz e me preenche porque me conduz a todo o mundo do desporto em todos os cantos do mundo. (Pai)

### **FILHO (18 anos)**

Não, sem dúvida alguma não consigo passar os meus dias sem televisão.

Desde que me lembro vejo na esmagadora maioria das vezes televisão sozinho, foi um hábito que criei desde bem pequeno. Não se trata do gostar mais ou não de ver televisão sozinho, mas já é um hábito criado de à muitos anos, algo que considero natural.

Já aconteceu isso mais vezes, quando tinha televisão no quarto como de uns tempos para cá deixei de ter isso já não acontece tanto. Posso é estar na sala a ver a mesma coisa que a minha mãe está a ver enquanto está na cozinha. Mas temos horários de ver televisão diferente.

Influencia sempre, ate porque eu vejo quase sempre televisão sozinho. E sei que quando estou “colado” à televisão estou mesmo só para aquilo e são muitas as vezes que não consigo abrir espaço para estar a fazer outras coisas com os meus pais, ou até responder a determinadas perguntas. É que me desligo mesmo quando ligo a televisão.

Tantas vezes isso acontece. Podemos até estar a conversar nas horas das refeições com a televisão ligada, mesmo não estando a prestar atenção se na televisão dizem algo que nos prenda, deixamos a conversa e prestamos atenção ao que estão a dizer. Eu acho que são comportamentos automáticos, acho normal.

Aí está, como acontece ser motivo para parar a conversa, até são mais as vezes que faz com que falemos de algumas coisas. Principalmente da atualidade, porque o que mais vemos juntos é o telejornal na hora da refeição.

Tem um bocadinho dos dois. Talvez cá em casa seja mais negativo pelo facto de eu ver tanta televisão sozinho... mas a culpa não é da televisão. É a minha forma de estar e de ver televisão que condiciona em parte a comunicação cá em casa, porque nos momentos em que vemos televisão juntos a televisão é como se fosse outro membro da família que nos alia à conversa.

## **ENTREVISTA 3**

### **ENTREVISTA AO CASAL**

Temos duas televisões.

Eu utilizo mais a televisão da sala do que a minha esposa e o meu filho.

Essa é uma questão que me vou diferenciar do meu marido e do meu filho, porque por incrível que parece tendo em conta a rotina e a azáfama dos meus dias conseguiria passar sem televisão, não o descartando como essencial para estarmos a par do que acontece no mundo... (Risos) Já eu não... Era impensável, é que nem consigo imaginar sequer essa possibilidade, costumo dizer que a televisão é a companhia mais certa que temos, sei que a ligando vai estar sempre alguma coisa a acontecer do outro lado.

Quem passa mais tempo na televisão é o meu marido e o meu filho, quem passa menos é sou mesmo eu. (Mãe)

Normalmente, desligamos sempre a televisão quando não estamos a assistir, foi algo que viemos a mudar ao longo do tempo, eu mesma incuti isso cá em casa, não existia essa necessidade deixar a televisão ligada sem ninguém a assistir. (Mãe)

Vejo televisão durante a semana cerca de 45 minutos, já entre a sexta a noite até o domingo acresce para mais do dobro do que passo a ver televisão. (Mãe)

Já eu vejo televisão diariamente cerca de 3 horas por dia, e ao fim de semana nunca vejo menos do que isso, podem é existir dias em que veja mais. (Pai)

Sim, vemos muita televisão com o nosso filho. É uma prática diária cá em casa se não for eu é o meu marido. (Mãe) Vemos programas de animação, de rir, de animais que é do interesse dele, e por vezes filmes adequados à idade dele. (Pai)

De uma forma individual, vemos mais os noticiários, é o que nos distingue mais daquilo que ele vê, ou o ver televisão depois das dez da noite. (Pai)

Raramente isso acontece cá em casa. Pode eventualmente existir dias em que me deite mais cedo que o meu marido e aí sim acabo por ver o mesmo programa já no quarto. Mas isso acontece em relação a mim e ao marido, até porque o nosso filho não tem televisão no quarto. (Mãe)

Influencia em determinados momentos do dia, por exemplo: eu posso estar a fazer determinadas tarefas na cozinha e o meu marido está na sala a ver televisão, poderíamos estar juntos se não fosse a televisão, mas isso já vai da postura de cada um é muito relativo, é a televisão mas a culpa não é da televisão propriamente dita porque somos nós que temos de ter essa consciência. (Mãe)

Sim, principalmente quando está a dar futebol, o marido diz para fazermos pouco barulho ou ate mesmo para nos calar... ou então quando esta a dar algo mesmo importante do meu interesse, do interesse do meu marido ou do meu filho, temos por hábito mesmo que estejamos a conversar de alguma coisa que não tenha nada a ver com o que está a dar na televisão dizer: Olhem olhem vejam aquilo! Ora, ficamos fascinados com aquilo ou não, e deixamos a conversa que estamos a ter e por vezes nem retomamos novamente à conversa. (Mãe)

Sim, desenvolvemos muitos assuntos que se não fosse a televisão não o fazíamos desde determinados assuntos da própria vida, à tão falada crise, a personalidades e culturas diferentes e nos fazem debater chegar a consensos ou não, e assim definirmos as nossas opiniões em família. (Pai)

Os programas pedagógicos que o nosso filho vê e que os vemos com ele, entre nós casal é mais os blocos informativos que dão base a novos diálogos. (Pai)

A ficção é o que nos separa mais no sentido em que temos gostos mais distintos sobre esse género televisivo, e mesmo quando o vemos juntos como por exemplo um

filme só mesmo no final é que perguntamos uns aos outros se gostaram o que acharam e assim, porque durante o filme faz-se silencio e come-se pipocas (risos) se for comédia é que é gargalhada do início ao fim e existe uma maior interação. (Mãe)

Acho que tem um bocado dos dois, se não for em excesso é completamente positivo, depende muito da forma como lidamos com a televisão, é importante em família criar regras em casa, a televisão tem de fazer parte desse planeamento familiar, impor um limite e escolher os programas em conjunto. Cá em casa torna-se positivo porque desde sempre temos essa estrutura que suporta e no fundo encaminha a nossa postura e hábitos face à televisão. (Mãe)

Sim, debatemos. Esse é o ponto mais favorável da televisão (Mãe) é um instrumento pedagógico com o nosso filho que esta numa fase de crescimento, de curiosidade e de muitas perguntas e a televisão acaba por ser uma aliada, que nos faz desenvolver em família conversas e determinadas aprendizagens. (Pai)

Para mim não, ate porque me chegavam os canais generalistas de acordo com o que costumo ver na televisão. (Mãe) Já para mim não conseguiria passar sem uma oferta televisiva maior e mais diversificada, portanto o que pagamos ao final do mês proporciona-me bem-estar pelo gosto que tenho de ver televisão. (Pai)

### **FILHO (10anos)**

Não conseguia ficar sem televisão, por exemplo não imagino ficar uma semana sem ver televisão, porque tenho de ver futebol, coisas que me interessam, animações e os meus programas de televisão.

(Pausa) Duas horas, o dia da semana em que vejo mais televisão é a 6f e ao sábado.

A maioria das vezes vejo televisão é acompanhado pelos meus pais. Só quando vejo desenhos animados é que o faço mais sozinho. Os programas de animações, coisas de rir e assim prefiro ver com os meus pais, já desenhos animados prefiro ver sozinho.

Nunca acontece isso comigo porque só vejo televisão na sala, não tenho televisão no meu quarto. Posso ir para o quarto dos meus pais ver televisão e eles ficam na sala mas estamos a ver coisas diferentes.

A televisão une-me aos meus pais, porque é divertido são momentos em que passamos juntos e conseguimos estar juntos a ver televisão.

Sim, algumas vezes. Por exemplo o meu pai diz muitas vezes: “Falem mais baixo porque me interessa isto” e acabamos por deixar de falar naquele momento.

São muitas as vezes que isso acontece, com as notícias e temas que sejam importantes os meus pais falam comigo sobre o que está a dar na televisão.

Tenho muitos amigos que têm problemas com a televisão e os pais, mas eu não. Como falamos e vemos televisão juntos isso só nos ajuda a conversar, assim temos uma relação positiva.

## **ENTREVISTA 4**

### **ENTREVISTA AO CASAL**

Temos 4 aparelhos de televisão.

Nos dois quartos, na sala e na cozinha. Sim o da cozinha é mais utilizado por mim (Mãe) enquanto faço o jantar. Acho que mais ninguém vê televisão na cozinha, ate porque jantamos na sala de jantar. Esta é a maior diferença entre os aparelhos de televisão cá em casa e o uso da televisão do quarto do meu filho por ele mesmo que é o único que a usa.

Evidente que não. Nunca imaginamos esse cenário, ate porque a tv faz tão parte e está tão inserida nos nossos dias que é impensável conseguirmos estar sem televisão quer por uma questão de habituação como pelo gosto de ver televisão. (Pai)

É difícil dizer quem passa mais tempo e quem passa menos, uma vez que os três vemos bastante televisão, talvez seja em horários diferentes. Aproximadamente 3h diárias cada um de nós. (Mãe)

Considero que seja um mau hábito, mas sim deixamos muitas vezes a televisão sem ninguém a assistir, principalmente eu. Não me pergunte porque razão, não lhe sei explicar muito bem é automático, é chegar a casa pegar no telecomando da tv da sala e

ligar a televisão, tendo aquele som ambiente começo por organizar a agenda para o dia seguinte sempre com a televisão ligada. (Pai)

Como já referi cerca de 3 horas diárias, tanto como o meu marido ou o meu filho. Sendo que ao fim de semana esse tempo não acresce muito uma vez que saímos mais, principalmente agora com a chegada do Verão, já no Inverno vemos mais televisão.

Tirando as horas das refeições em que temos a televisão ligada, são raras as vezes que vejo televisão com o meu filho. Portanto é o telejornal que nos une mais os três. Ele utiliza maioritariamente a televisão do quarto e então são poucas as vezes que estamos a ver televisão juntos. (Mãe) Já eu consigo passar mais tempo com ele a ver televisão porque vemos muito desporto juntos ao contrário da minha esposa que descarta esse gosto. (Pai) Os programas de entretenimento e ficção são aqueles que menos vemos juntos.

Sim por vezes isso acontece, principalmente com uma telenovela que vejo à hora que estou a preparar o jantar o meu filho também acompanha mas faz isso no quarto dele e eu na cozinha. (Mãe) Podemos estar em sítios diferentes a ver televisão mas são poucas as vezes que estamos a ver as mesmas coisas.

Influencia no sentido em que se eventualmente existisse uma só televisão como antigamente a família reunia-se mais na sala para conversar, agora com tanta oferta quer de equipamentos como a nível da programação é inevitável que havendo gostos diferentes as pessoas não estejam tanto unidas e se individualizam mais. Tenho sentido mais isso agora com os 16 anos do meu filho, enquanto ele era pequeno isso não era tão notório ate porque só via televisão connosco e era os desenhos animados. Mas nesta fase da vida, os miúdos já por si só têm tendência a isolarem-se mais e vivem num mundo á parte, criam gostos e vícios televisivos diferentes dos nossos, no caso dele são mesmo as séries que segue diariamente e de forma religiosa que fazem com que de certa forma não tínhamos tanta conversa e momentos para estarmos juntos. Mas também são os tempos, agora cada vez mais a tecnologia se desenvolve se não for a televisão será outra coisa qualquer como os equipamentos eletrónicos que estão a invadir as nossas casas, mas isso já é outra conversa. (Mãe)

Inevitavelmente que sim, principalmente as noticia de última hora que por natureza despertam um maior interesse, é um processo espontâneo parar de falarmos ou

de fazer determinada tarefa ou atividade para ouvirmos e saber o que se está a passar. (Pai)

O contrário também acontece, essencialmente com temas mais delicados e assuntos alarmantes, conversamos muito. O nosso filho atravessa a fase de todas as curiosidades e perigos e é uma forma de debatermos com ele as coisas da vida, que também nós já passamos por elas. (Pai)

Como não poderia deixar de ser o desporto tem um papel fundamental cá em casa e faz mesmo com que a comunicação flua e transforma o momento de televisão numa atividade familiar, principalmente quando joga o nosso Benfica os três vê-mos os jogos juntos. E os noticiários têm um papel rotineiro, porque se fala sempre da atualidade. O que provoca falta de conversa são mesmo as novelas que sou a única que vejo cá em casa. (Mãe)

Influencia negativamente se deixarmos isso acontecer, porque a televisão pode ser uma boa e fiel aliada à comunicação familiar, se criarmos regras e se partir de nós a vontade de não nos individualizarmos tanto a ver televisão. (Pai)

Até que devíamos debater mais, mas sim debatemos sobre o que vemos sempre que isso seja possível. É uma forma de comunicarmos e de trocarmos ideias o que se trona essencial para nos compreendermos uns aos outros, quando se trata de temáticas mais controversas, até porque nem sempre estamos em consenso. (Mãe)

Seria melhor que não tivéssemos de despender esse dinheiro, mas tendo em conta toda a oferta televisiva e toda a interação que o mercado possibilita do espectador com a televisão, claro que sim. (Pai)

### **FILHO (16 anos)**

Mas há alguém que consiga viver sem televisão? Eu, sinceramente não imagino tal coisa. Só deixo um bocado a televisão de lado e mesmo assim vejo todos os dias, nas férias de Verão quando vamos uma semana em família.

Passo cerca de 3 horas por dia, não oscila muito em comparação ao fim de semana porque saio mais ao fim de semana, tenho os jogos de futebol. Vejo é televisão

até mais tarde porque não tenho aulas no dia seguinte. Vá... sou capaz de ver mais uma hora de televisão ao sábado e ao domingo do que nos restantes dias mas nem sempre isso acontece.

Vejo na maioria das vezes televisão sozinho, existem programas que prefiro ver sozinho, estar no meu canto sossegado, não é por mal mas gosto mais. O futebol e coisas de desporto é que vejo mais com o meu pai e gosto mais assim é mais animado e dá para trocarmos ideias.

Raramente isso acontece, ate porque além do desporto vejo coisas diferentes das que eles veem, principalmente das que a minha mãe gosta de acompanhar na televisão.

Influencia sempre porque é algo com que lidamos todos os dias cá em casa. E eu quando me foco nas minhas séries no meu canto do quarto sossegado faz com que esteja isolado de tudo e de todos até mesmo quando os meus pais recebem visitas, sou capaz de sair apenas do quarto para cumprimentar “Ola, tudo bem?” e vou novamente ver tv... mas mesmo assim eu e os meus pais temos uma boa relação com a televisão. O tempo em que poderíamos estar à conversa é que fica mais reduzido e pensando bem por causa da televisão falamos menos. É bom estarmos a falar nisto, porque vou pensar no assunto.

Tantas vezes, quase que posso dizer que todos os dias à hora do telejornal isso acontece, quando eu e a minha mãe estamos em conversas paralelas à mesa o meu pai diz sempre para fazermos pouco barulho ou falarmos mais baixo que quer ouvir isto ou aquilo.

Sim falamos de muitas coisas por causa do que estamos a ver na televisão, é um hábito falarmos do que acontece todos os dias na actualidade com o telejornal.

Depende. No meu caso pessoal tem mesmo um pouco dos dois... de forma positiva porque aprendo com os meus pais por causa da televisão que vai “lançando” temas de conversa e temos outra abertura uns com os outros, é verdade porque existem temas mais tabus e com a abordagem na televisão as coisas ficam mais fáceis de serem faladas. Depois, tem a parte mais negativa porque me isolo muito a ver televisão e existem momentos em que não estou com os meus pais por causa disso.

## **ENTREVISTA 5**

### **ENTREVISTA AO CASAL**

Temos 3 televisões.

Na sala de estar que coincide com a zona das refeições, na cozinha e no nosso quarto (casal). O do quarto é quase que exclusivo utilizado apenas por mim e pela minha esposa, já a televisão da sala de estar é maioritariamente usado pela nossa filha.

Eu não conseguia estar sem televisão (Pai), aliás nunca pensei nessa possibilidade e nem faço questão disso porque a televisão está inserida de forma tão natural no quotidiano cá de casa. Eu considero a televisão uma companhia fundamental e um meio imprescindível para nos mantermos informados de tudo o que se passa no mundo, logo não me imaginaria passar os meus dias sem ver televisão, mesmo que o tempo não seja muito para o fazer todos os dias tiro um tempinho para ver televisão. (Mãe) Quem passa mais tempo acaba por ser a Matilde (filha), porque tem mais tempo para isso e se entretém a ver os desenhos animados. Quem passa menos tempo é quase igualado com o meu marido mas acabo por ser eu.

Sei que não deveria ser assim, mas sim deixamos muitas vezes a televisão ligada sem ninguém a assistir, nem nos apercebemos disso. É como que um ambiente do fundo que nos acompanha nas diversas tarefas do dia e como que um ambiente de fundo, isso acontece mais com a televisão da sala de estar.

Eu cerca de aproximadamente duas horas diárias (Pai), dentro de 90 minutos (Mãe), a nossa filha somando todos os espaços que vai vendo televisão ao longo do dia cerca de três horas. Vemos mais televisão ao fim de semana nós como casal a Matilde não difere muito por acaba por ter mais ou menos os mesmos horários do que durante a semana.

Sim, temos atenção a isso e achamos que os pais devem estar presentes não digo em toda mas em grande parte da atividade televisiva dos filhos, muito mais nestas idades que se vão tornando mais complicadas em que os miúdos só fazem perguntas e são muito curiosos. De acordo com a idade da nossa filha (6anos) vemos programas

essencialmente dos canais infantis, as animações, princesas e heróis. Ultimamente já se vai interessando por alguns programas de entretenimento e são esses mesmos programas e desenhos animados que vimos com ela. (Mãe) Individualmente vemos a informação eu as series de meu interesse e a minha esposa as telenovelas.

Raramente isso acontece porque temos gostos diferentes, e o telejornal esse vemo-lo sempre juntos, falo em relação ao meu marido porque a nossa filha só vê desenhos animados e animações.

A televisão quer queiramos quer não influencia sempre a relação familiar, uma vez que a sua presença faz com haja naturalmente como que um captar de atenção mais fácil, por exemplo: a televisão assume um poder de entretenimento muito maior à minha filha do que eu, até porque a televisão está sempre lá e todos os dias lhe consegue dar a mesma atenção, enquanto que eu e o meu marido pelas questões da vida normais, como tantos outros pais não conseguimos ter o tempo desejado aí a televisão influência a nossa relação porque existem momentos em que a Matilde não nos dá tanta atenção. (Mãe) Depois influência porque a televisão nos prende de tal forma que nos condiciona a fazermos outras coisas em família que proporcionem mais interação e comunicação entre nós. (Pai)

(risos) Claro que sim isso, acho que em todas as famílias isso acontece que mais não seja apenas uma vez. Na nossa, não diria que seja algum diário mas acontece com alguma frequência. (Pai)

Sim sem dúvida, da mesma forma que interrompe, também impulsiona à conversa, é uma forma de lançar temas e de debatermos claro que a nossa filha como é pequena estamos condicionados por o que lhe interessa e que seja apropriado à idade dela, mas mesmo eu com a minha esposa falamos essencialmente de assuntos da atualidade devido à televisão caso contrario muito provavelmente não o fazíamos. (Mãe)

O telejornal porque é um espaço que nos chama a atenção e à reflexão e nos atualiza, proporciona sem dúvida muita conversa, já a ficção por vezes passamos episódios de determinadas series, por exemplo sem existir qualquer troca de palavras entre nós.

Cá em casa na globalidade influencia-nos de forma positiva, temos de ter em conta a forma como lidamos com a televisão, com o tempo que passamos com “ela” e ter atenção que ela não ocupe e se torna quase como que outro membro de família. Temos atenção a isso, por isso a televisão só tem como nos influenciar de forma positiva, tirando as vezes em que a nossa filha, como já tinha referido a quer mais do que o pai ou mãe, mas achamos que seja normal e não alarmante. (Mãe)

Eu e a minha esposa debatemos imenso sobre o que vemos juntos, a nossa filha ainda não interage muito nesse sentido.

Na minha opinião sim (Pai) na minha também (Mãe), a programação que a nossa filha vê na televisão é tudo canais de cabo por isso é com certeza dinheiro bem empregue.

## **FILHO (6anos)**

Não conseguia... Eu todos os dias vejo os meus desenhos animados.

Vejo todos os dias televisão, apenas alguns dias que não tenho escola é que vejo um bocadinho mais. (Pais fazem referência que vê cerca de 3 horas diárias de televisão)

Gosto muito de ver televisão com os meus pais e com a minha prima, são poucas as vezes que estou sozinha com a televisão

Não. (Pede ajuda aos pais para responder)

Influencia porque eu vejo muita televisão e muitas vezes a minha mãe chama por mim para outras coisas e eu prefiro ficar a ver o Panda ou o Disney Channel... Mas eu gosto mais da minha mãe do que a televisão... (pensativa) e do meu pai também.

Sim, quando à noite estamos a jantar os meus pais estão a ver o telejornal muitas vezes deixamos de conversar para ouvir o que estão a dizer.

Si. Eu muitas vezes não percebo as coisas pergunto aos meus pais e eles explicam sempre.

Acho que de forma positiva, eu faço sempre os trabalhos de casa e depois é que vejo televisão.

## **ENTREVISTA 6**

### **ENTREVISTA AO CASAL**

Temos três televisões.

Temos televisão na sala de estar, na cozinha e no nosso quarto (Mãe). Sim existem televisores que são mais utilizados pelo nosso filho como o da sala de estar e o do quarto por mim e pelo meu marido.

Não me imaginava sem televisão (Pai), nem eu (Mãe). O nosso dia-a-dia também passa muito por ver televisão. Sem dúvida que cá em casa quem passa mais tempo a ver televisão é o nosso filho, depois tanto eu como o meu marido, vemos mais ou menos o mesmo tempo de televisão por dia. (Pai)

Pois! Sabemos que isso não deveria acontecer mas na verdade acontece muitas vezes é um hábito, um mau hábito que temos de mudar. (Pai)

Cerca de 4 horas tanto eu como o meu marido. Apesar que ao fim de semana, como passamos mais tempo em casa, acabamos por estar mais tempo a ver televisão, mas mesmo assim não são horas de consumo muito diferentes. (Mãe)

Devíamos ver mais televisão com o nosso filho mas na idade dele, sabe como é. Só quer estar no sossego dele a ver o que bem lhe apetece já não tem aquele interesse de estar no colo da mãe a ver televisão. O telejornal costumamos ver juntos porque na hora das refeições temos a televisão ligada e de forma mais individual as séries que o meu filho vê, tanto eu como o meu marido nunca vemos isso. (Pai)

Não acontece, porque nunca estamos a ver as mesmas coisas. Se o meu filho está na sala está lá a ver as coisas dele, eu muitas vezes na cozinha a ver as minhas novelas e a tratar das coisas da casa e o meu marido à hora que estamos todos em casa, depois do jantar vai logo dormir por causa do emprego dele que tem de acordar bastante cedo. (Mãe)

Acaba por influenciar um bocado porque o nosso filho está muito isolado a ver televisão e acabamos por estar cada um no seu espaço. E começo a temer que consoante ele cresça que cada vez mais seja pior e que se isole mais. Por isso é que não tem televisão no quarto apesar de estar sempre a insistir nisso. (Mãe)

(risos) Tantas vezes isso acontece então na hora do telejornal isso é quase regra, normal estarmos a falar de coisas do nosso dia e depois dá determinada notícia e algum de nós chama a atenção e então aí deixamos de conversar e passamos a dar atenção à televisão.

(Pai)

O mesmo acontece de forma contrária a televisão muitas das vezes consegue lançar temas interessantes e educativos para falarmos com o nosso filho que está a entrar na fase da adolescência mais complicada. É uma forma de tanto eu como a minha esposa conseguirmos educar. (Mãe)

Cá em casa inclusive eu. Gostamos de futebol, principalmente quando joga o nosso clube estamos todos a ver o jogo, aí sim existe comunicação e diálogo entre nós os três.

(Mãe) Agora entre as telenovelas que eu vejo, e aquilo que o meu marido e o nosso filho vê não existe conversa porque vemos coisas diferentes. (Mãe)

Tem um bocadinhos das duas, porque tanto conseguimos nos divertir juntos a ver televisão, principalmente quando estamos a ver os jogos de futebol, como de outra forma consegue fazer como já disse anteriormente em relação ao nosso filho, fazer com que ele esteja muito no seu canto o que faz com que não haja tanto convívio entre nós.

(Mãe)

Isso sim, desde sempre que o fazemos. Tudo o que vemos juntos, temos por hábito conversar sobre aquilo que vemos, mas claro que tem de ser algo do interesse de todos para que possa haver conversa e debate entre nós os três. (Pai)

Se conseguíssemos estar sem os canais de cabo, seria ótimo seria menos uma despesa mensal. Mas como não é isso que acontece, é dinheiro bem empregue pelo nosso modo de ver televisão. (Pai)

## **FILHO (16ANOS)**

Nem pensar, não conseguia estar sem televisão.

Passo cerca de cinco horas diárias. Posso ao fim de semana ver mais uma hora ou duas mas não passa disso, ou então ver o mesmo que vejo durante a semana.

Na maioria das vezes vejo televisão sozinho, e não é por não gostar de estar com os meus pais a ver televisão mas prefiro estar sozinho a ver as minhas coisas, aquilo que eu gosto de ver eles não gostam nem acompanham, exceto o desporto e o telejornal isso ainda vemos juntos. Ver televisão sozinho é o meu momento zen do dia.

Isso nunca acontece, nós os três temos gostos nos programas de televisão muito diferentes.

Influencia porque eu tenho a minha forma de ver televisão, porque se não fosse o tempo em que eu passo sozinho junto à televisão não tinha qualquer má influencia. Eu sei que quando estou tão ligado à televisão acaba por ser mau porque não estou com os meus pais a fazer outras coisas.

Muitas vezes isso acontece, nas horas das refeições com as notícias. Na minha opinião é algo inevitável, acontece a toda a gente.

Sim, o contrário também acontece. Na televisão acontece e fala-se de muita coisa, da atualidade, do desporto e assim... e muitas vezes estamos a ouvir e depois começamos a conversar sobre aquilo que está a passar no telejornal.

No geral cá em casa tem mais um impacto positivo do que negativo, apesar de eu estar muito tempo com a televisão são poucas as vezes em que os meus pais se chateiam comigo por causa disso, então acho que seja mais positivo do que negativo. Falamos com a televisão e isso é o mais importante.

## **ENTREVISTA 7**

### **ENTREVISTA AO CASAL**

Temos quatro televisões.

Na sala de estar, cozinha, e nos dois quartos, no nosso e no da nossa filha. Sim o dos quartos é só utilizado pelos respetivos. Mas o sala de estar que é uma televisão mais de todos mesmo assim é mais utilizada por mim e pelo meu marido. (Mãe)

Não conseguiria estar sem televisão, eu adoro televisão desde bem pequena. Sempre tive um gosto por tudo o que fosse ligado à televisão. (Mãe) Eu também não me imaginaria ser televisão, principalmente nos dias de hoje, não ver televisão é estar desligado do mundo. (Pai) Quem passa mais tempo acaba por ser a nossa filha relativamente à disponibilidade dela, enquanto nós vemos menos televisão. (Mãe)

Automaticamente sim, não é propositado, mas ainda são vezes consideradas as que deixamos a televisão ligada. Mas já temos vindo a fazer atenção a isso o que é já é um começo para mudarmos isso. (Pai)

Eu passo cerca de 4 horas diárias, (Pai) já eu cerca de 3 (Mãe). Ao fim de semana é natural que se veja mais televisão mas não é um acréscimo considerável, só se não sairmos de casa nesses dias. (Pai)

Cada vez estamos menos tempo junto à televisão com a nossa filha, conforme ele foi crescendo isso foi-se perdendo, talvez por culpa nossa porque deixamos de ter aquela preocupação de estar com ela a ver televisão. Ela começou a ficar crescida e a ter outra maturidade e hoje pouca televisão vemos todos juntos. Os programas que vemos mais juntos é o telejornal e os programas de entretenimento. Os de forma individual sem dúvida que os programas de desporto do meu marido. (Mãe)

Sim isso acontece com frequência, quando eu e a minha filha acompanhamos a mesma telenovela por vezes ela está no quarto dela e eu no meu a vermos a mesma coisa. (Mãe)

A televisão acaba por ter uma influência bastante significativa na nossa família. (Mãe) Consideramos ter uma boa relação com ela mas nem sempre a sua influência se torna num trunfo para a nossa dinâmica familiar. O facto de a nossa filha ver muita televisão e

sozinha muda logo todo o cenário de quando falamos da televisão, esse é o ponto menos bom da televisão tem connosco. Acomodamo-nos a ver televisão e cada um a seu jeito e nesse sentido a comunicação fica limitada ou então quando qualquer um de nós está a ver demasiado tempo televisão sozinho condiciona a nossa comunicação. Mas essa influência que consideramos que seja menos boa é ultrapassada quando é a televisão que nos une ao ecrã e que nos move a ter conversas distintas e a partilhar as nossas opiniões porque muitas das vezes se não fosse a televisão isso não existia com tanta frequência. (Pai)

Tantas vezes isso acontece, a televisão tem uma posição muito forte em qualquer lado, até nos cafés, com muita gente e barulho e mesmo até quando não se consegue ouvir o que se está a dizer na televisão ela consegue interromper a interação por isso cá em casa isso não é diferente. (Mãe)

Sim tal como há referi anteriormente, se não fosse a televisão muitas das vezes determinados assuntos não seriam abordados, e mesmo quando não se tem conversa, que nem sempre a temos, é a televisão que impulsiona ao diálogo. (Pai)

O telejornal sem qualquer dúvida é o que proporciona mais comunicação, pois está constantemente a transmitir a atualidade. O que provoca falta de conversa quando vemos televisão juntos são os filmes, em que apenas no fim costumamos fazer a nossa apreciação mas que no decorrer dele não surge qualquer coisa, salvo a exceção de termos alguma reação quando o estamos a ver. (Mãe)

Acho que tem as duas vertentes, se por um lado pode ser aliada à comunicação familiar, por outro pode condicionar a comunicação entre o agregado familiar. Cá em casa são mais as vezes em que a televisão ajuda-nos a comunicar do que aquelas em que assume um papel adversário nesse ponto de vista. Por isso é uma mais-valia à comunicação. (Mãe)

Sim, e independentemente de não vermos muita televisão juntos, principalmente com a nossa filha isso não impede de debatermos os mesmos programas que vemos de forma separada, conversamos e debatemos muito com o que vemos na televisão. (Mãe)

Pela diversidade de oferta na programação e qualidade do serviço sem dúvida alguma que é dinheiro bem empregue. (Pai)

### **FILHO (16ANOS)**

Não de maneira nenhuma. Eu adoro ver televisão e é uma forma de me manter sempre dentro das conversas que tenho com as minhas amigas na escola.

Passo cerca de 5 horas, mais ou menos. Ao fim de semana posso ver um bocadinho mais, mas não varia muito.

Agora vejo a maioria das vezes televisão sozinha, gosto mais de o fazer sozinha. E tenho gostos diferentes do dos meus pais e é mais por isso. A não ser as novelas que vejo as mesma que a minha mãe.

Sim. Quando está a dar a telenovela principalmente nesse momento a minha mãe acompanha na sala e eu no meu quarto. Eu gosto muito de estar no meu canto e adoro ver televisão na cama.

Influência no ponto em que por passar tanto tempo sozinha a ver televisão faz com que não esteja tanto tempo com os meus pais na sala a conviver, mas isso não é mesmo por mal. Acho que o mesmo acontece com as minhas amigas, pelas conversas que temos sobre isso. Estamos naquela idade em que queremos mesmo ter o nosso espaço. Por isso a televisão influencia nesse sentido. Mas existem programas, como os de entretenimento que dão ao domingo e esses eu gosto de estar com os meus pais a ver.

Sim, principalmente quando está a dar algum jogo de futebol na hora do jantar. O meu pai pede silêncio, ou então eu, quando está a passar alguma coisa do meu interesse é logo a pedir para falarem mais baixinho.

Muitas vezes. Existem alguns assuntos que eu não tenho tanto à vontade para falar com os meus pais e então muitas das vezes em que esse determinado assunto é falado na televisão eu aproveito para comentar e aí começamos a conversar sobre ele, porque passou na televisão e eu tive oportunidade de falar sobre ele.

Tem sempre um bocados dos dois, negativo porque eu passo muito tempo sozinha com a televisão. Positivo porque quando estamos juntos a ver televisão nos divertimos imenso e conseguimos conversar imenso sobre indeterminadas coisas.

## **ENTREVISTA 8**

### **ENTREVISTA AO CASAL**

Temos três televisões.

Temos televisão na sala de estar, no nosso quarto (Mãe), e no quarto da minha filha. Sim, a televisão da sala de estar está ligada mais tempo sendo eu a maior utilizadora desta. O do nosso quarto é quase sempre utilizada pelo meu marido (Mãe) e a que a nossa filha utiliza mais está localizada no quarto dela.

Não conseguíamos estar sem televisão de maneira nenhuma. (Pai) Durante a semana chegamos a casa pela mesma hora e a televisão serve-nos maioritariamente como uma companhia, como um passatempo, mas também admito que por vezes é só para dar sinal de movimento e som na casa. (Mãe)

Geralmente não, se acontecer é num certo período de madrugada quando adormecemos. (Pai)

Cerca de 3h. Talvez ao domingo, seja o dia em que conseguimos ver mais televisão pelas razões óbvias. (Mãe)

Pouco tempo passamos a ver televisão com a nossa filha. (Mãe) Nesta idade eles pouco querem passar o tempo connosco, é natural. (Pai) O programa que vemos juntos é o Telejornal, pois coincide com a hora de jantar-mos. Séries menos... Depois mais tarde é comum cada um ir para outras divisões.

Sim com os mesmos programas entre mim e a minha filha, a telenovela vemo-la cada uma no seu quarto.

Acaba por influenciar um bocado porque a nossa filha está muito isolada a ver televisão e acabamos por estar cada um no seu espaço, existindo pouca partilha de opiniões.

Ui, acho que sim. Quando dá uma notícia mais importante. (Pai) A televisão tem o poder de mobilizar tudo e todos mesmo que a conversa que se esteja a ter seja muito importante. (Mãe)

A minha filha já é uma adolescente, e não direi que aproveite os temas da televisão para abordar algo com ela. Mas por vezes trocámos conhecimentos e opiniões sobre alguns assuntos, em prol da televisão. (Mãe)

Todos vemos programas diferentes. Mas as notícias são as que mais proporcionam conversa sem dúvida. E com a minha filha os *reality shows*. (Mãe)

Tem o lado positivo e o negativo. O positivo pois faz com que a nossa família interaja e negativo pois faz com que não haja tanto convívio entre nós, principalmente com a nossa filha porque ela o tempo que passa com a televisão é quase todo sozinha, condiciona muito o nosso convívio e comunicação. (Pai)

Temos por hábito conversar sobre aquilo que vemos, geralmente notícias. (Pai)

A despesa mensal nos canais por cabo seria algo a retirar devido a não passarmos muito tempo em casa, mas nos 4 canais dão sempre a mesma coisa. (Pai)

## **FILHO (17ANOS)**

Não conseguia estar sem televisão, é muitas das vezes o meu entretenimento.

Passo cerca de quatro horas por dia. Ao fim de semana posso ver mais uma hora ou duas por ter mais tempo livre mas não passa disso.

Na maioria das vezes vejo televisão sozinha, e não é por não gostar de estar com os meus pais a ver televisão mas prefiro estar sozinha e sossegada.

Por vezes acontece comigo e com a minha mãe. Pois eu prefiro estar no quarto.

A televisão influencia pois passamos muito tempo sozinhos, mas não conseguiria viver sem uma. Desde bem cedo que sou fascinada pela televisão, não consigo explicar. E mesmo na escola se não acompanharmos a televisão, aqueles programas que toda a gente vê, estou deslocada porque não consigo interagir com as minhas amigas e assim. Por isso a televisão é mesmo essencial mesmo fora de casa, e eu vejo muita televisão sozinha se calhar também por causa disso e influência porque estar no meu quarto sozinha é do melhor... O problema é que tenho sempre os meus pais a chamarem por

mim porque não estou a conviver ou a partilhar tarefas com eles e é essa a maior influência que a televisão tem em mim e na minha família.

Quando é alguma notícia que me agrada, ou agrada aos meus pais, pedimos para ouvir e estar mais atentos.

Muitas vezes estamos a ouvir e depois começamos a conversar sobre aquilo que está a passar no telejornal, principalmente eu, porque existem temas e assuntos que não sou tão entendida então a televisão fala sobre eles e depois eu questiono os meus pais sobre aquilo que menos entendi e dessa forma consigo formar opinião e perceber mais de determinados assuntos que até ao momento não sabia falar sobre eles.

No geral cá em casa tem mais um impacto positivo do que negativo, apesar de ter consciência que passamos muito tempo um para cada lado. Compensamos com os momentos em que estamos juntos a ver televisão, como temos tão boa atividade televisiva juntos, o menos bom não consegue sobressair com o positivo.

## **ENTREVISTA 9**

### **ENTREVISTA AO CASAL**

Temos quatro televisões.

Temos televisão nos quartos, no nosso e no do nosso filho, na sala de estar e na cozinha. A televisão da sala é mais usada pelo meu marido, a da cozinha por mim e a dos quartos pelos respetivos. (Mãe)

Não me imagino sem televisão. (Pai) Nem eu, é que nem pensar mesmo. (Mãe) Quem passa mais tempo acaba por ser o meu marido que tem mais tempo do que eu, por isso sou eu em relação aos três quem passa menos tempo.

Sim isso acontece por algumas vezes, mesmo que não seja por muito hábito, acaba por ser um descuido. (Pai)

Eu cerca, de 4 horas diárias (Pai), já eu talvez as 3 horas (Mãe). Ao fim de semana e principalmente nos dias de chuva e muito frios, aqueles dias típicos de Inverno vemos muito mais televisão e aí acresce umas horas mais de consumo, se não o acréscimo acaba por não ser muito considerável. (Mãe)

Sim, vemos bastante televisão com o nosso filho. Se não fosse assim nesta idade não sei quando seria. (Mãe) É importante estarmos a acompanhar o nosso filho na atividade televisiva dele, apesar que agora com os 8 anos dele, acabamos por lhe dar um bocadinho mais de espaço, mas mesmo assim quando ele está sozinho a ver televisão, nós estamos sempre atentos ao que ele está a ver. (Pai) **animações junta telejornal separa.**

Não isso nunca acontece cá em casa.

Ouvimos muitas vezes falar da problemática da televisão na família, cá em casa temos regras bem definidas. Obviamente existem momentos em que essas regras não são cumpridas para de forma geral e na maioria das vezes cumprimo-las. Como temos um filho pequeno a televisão acaba por ter múltiplos papéis não só de entretenimento mas

também uma forma de conseguirmos fazer com que o João (filho), se sinta recompensado, por exemplo: sempre que chega a casa quer ir logo ver os desenhos animados, mas temos a condição de fazer primeiro os trabalhos de casa nesse sentido ele cumpre com as responsabilidades dele e depois é recompensado com uma horinha a ver a televisão à vontade dele. (Pai) E ver televisão com o nosso filho e em família, mesmo eu com o meu marido proporciona além de convívio, conversa e troca de opiniões e isso é ótimo.

Quando o João (filho) resolve fazer birra e não ouvir o que estamos a dizer e fica sereno e tranquilo a olhar a televisão, a televisão é sem dúvida a inimiga desse momento. (Mãe)

Sim, entre mim e mim a minha esposa todos os dias a televisão faz isso acontecer. Então depois de um dia tão pesado de trabalho chegamos à noite a casa, a televisão é motivadora nesse sentido. (Pai)

Os desenhos animados do nosso filho são os que mais provocam interação entre nós, já o telejornal relativamente a ele não desperta muito interesse. (Pai)

Tendo em conta a relação que temos com a televisão acaba sem dúvida por ser uma mais-valia nesse sentido da comunicação entre nós e não só. Conseguimos que a televisão nunca se sobreponha perante nós “pessoas” e espero que assim continue, apesar de ouvir muitas vezes casais amigos e família dizer que conforme os filhos crescem essa relação positiva vai mudando. (Mãe)

Eu e o meu marido debatemos muito sobre tudo aquilo que vemos é uma forma de estarmos sempre a par de tudo o que é atualidade e não só. Com o nosso pequeno vamos debatendo aquilo que ele nos vai perguntando e alguns assuntos que a televisão retrata que seja para a idade dele. (Mãe)

Atendendo que o nosso filho vê muitos canais de desenhos animados acaba por ser dinheiro bem empregue caso contrário não tínhamos canais de cabo, porque a despesa mensal ainda é considerável. (Pai)

## **FILHO (8 ANOS)**

Não consigo estar sem televisão, é o que faço sempre que chego da escola.

(Olha atentamente os pais) 3 horas por dia, mas ao fim de semana vejo mais televisão que os meus pais deixam e não tenho escola.

É igual para mim ver televisão sozinho ou acompanhado. Mas gosto de ver as animações, coisa que dá para rir com eles assim tem mais piada. Mas os meus pais quase sempre estão comigo a ver televisão.

Não isso cá em casa nunca acontece.

Influência porque passamos tempo com ela, acabamos por ter uma relação com ela mesmo que ela não seja uma pessoa... Mas é importante porque gostamos de ver televisão. Eu fico entretido a ver televisão e como às vezes não tenho ninguém para brincar o que faço é ver televisão e divertir-me na mesma.

Muitas vezes, a televisão faz com que eu fique colado a ela e às vezes deixo de ouvir os meus, mas só quando está a dar alguma coisa que eu goste muito.

Sim, eu faço sempre muitas perguntas aos meus pais e eles a mim, quando estamos a ver televisão e depois falamos sobre isso.

Eu acho que na nossa família tem mais de positivo do que negativo. Eu não passo muito tempo sozinho a ver televisão e os meus pais estão sempre atentos por isso só tem pontos positivos cá em casa e mesmo com a televisão conseguimos falar muito uns com os outros.